



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Catarina Alexandra Miranda de Oliveira

**Clube “Mais Sucesso Escolar” - Não só da  
Educação Formal vive a Escola**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação

Catarina Alexandra Miranda de Oliveira

## **Clube “Mais Sucesso Escolar” - Não só da Educação Formal vive a Escola**

Relatório de Estágio  
Mestrado em Educação  
Área de Especialização em Educação de Adultos e  
Intervenção Comunitária

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Doutor José António Martin  
Moreno Afonso**

Outubro de 2011

## DECLARAÇÃO

Nome: Catarina Alexandra Miranda de Oliveira

Endereço Electrónico: [camoliveira.3@gmail.com](mailto:camoliveira.3@gmail.com)

Telemóvel: 917 976 840

Cartão de Cidadão: 12768778 5 ZZ1

Título da Dissertação: *Clube "Mais Sucesso Escolar" - Não só da Educação Formal vive a Escola*

Orientador: Professor Doutor José António Martin Afonso

Ano de Conclusão: 2011

Designação do Mestrado: Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO, APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Universidade do Minho, 31 de Outubro de 2011

**A TI Avó,**

Que nos deste muito amor e carinho,  
que nos fizeste todas as vontades,  
que nos deste tudo sem pedir nada em troca,  
que nos amaste mais do que a ti própria.

És e serás um grande exemplo de experiência, trabalho, honestidade, paciência, fé e de muito  
amor.



## **AGRADECIMENTOS**

Reservo este espaço para agradecer a todos aqueles que contribuíram para a realização do presente Relatório de Estágio, pois sem o seu apoio e colaboração nada seria possível concretizar. Agradeço:

Ao Professor Doutor José António Martin Afonso a orientação proporcionada, toda a sua disponibilidade e dedicação. Além do mais, ao longo desta temporada contribuiu positivamente para a minha formação e, como tal, reconheço e fico grata por todo o seu profissionalismo.

À Mestre MFF, supervisora local, pela preocupação em me facultar experiências verdadeiramente profissionais, pelos conselhos, ensinamentos e estímulo constante que contribuíram para a minha evolução profissional e pessoal.

À ES que permitiu colocar em prática a intervenção, bem como a todos os docentes envolvidos neste projecto. Identifico evidentemente a abertura e preocupação demonstradas ao longo da sua execução.

À directora e subdirectora da ES, pela recepção que me proporcionou no primeiro dia de estágio, bem como ao longo do mesmo.

À Dra. GM, que auxiliou na pertinência e autorização das actividades propostas.

A todos os alunos que fizeram parte deste projecto e por terem partilhado as suas ideias. Para todos votos de muito sucesso na vida.

A todos os meus amigos pelo tempo de lazer e pelas risadas em comum, pois foram eles que me fizeram muitas vezes ganhar um novo folgo. E de igual modo aproveito para me desculpar pelo facto de muitas vezes não me encontrar tão disponível.

À Diana Filipe Silva, Daniela Rodrigues, Alexandre Azevedo e Angelina Rodrigues, colegas de Mestrado, pela união e pelos momentos bem-dispostos ao longo destes 2 anos.

À colega de trabalho, a Nutricionista Lisa Afonso, pelo convívio, divertimento e amizade, mas também pelos momentos de partilha, desabafos e reflexão conjunta. Sem ela este estágio não teria tanto sentido.

Aos meus pais por me terem possibilitado a prossecução dos estudos e por me terem educado em valores, contribuindo em muito para a pessoa que sou hoje. Agradeço o seu amor e dedicação sobretudo naquelas horas de “desespero”, desânimo, mau humor, impaciência e falta de tempo. Grata pelo apoio e confiança.

Às minhas irmãs por me fazerem companhia, apoiar e nunca me terem abandonado, acreditando sempre em mim.

Ao meu avô pelo carinho e compreensão.

À minha avó pela falta que ela me faz, por estar sempre comigo e me proteger onde quer que esteja. Sei que estará feliz por ter alcançado esta etapa na minha vida.

Obrigada a todos.

# **CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR” - NÃO SÓ DA EDUCAÇÃO FORMAL VIVE A ESCOLA**

*Catarina Alexandra Miranda de Oliveira*

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2011

## **Resumo**

A ES, com o objectivo de melhorar os resultados académicos e de se aproximar cada vez mais da população estudantil implementou, desde o ano lectivo de 2009/2010, o Clube “Mais Sucesso Escolar” (CMSE). As acções desenvolvidas no CMSE são dirigidas essencialmente aos jovens do 7º ao 12º ano de escolaridade e suas famílias.

O trabalho consistiu na realização de tarefas bastante diversificadas. Incidiu sobretudo na sala do Centro de Trabalho Autónomo (CTA) através da planificação e dinamização de actividades lúdicas e pedagógicas dirigidas aos estudantes; na Ludoteca através da realização de jogos didácticos; e no Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) através da prestação de apoio pessoal, social, educativo e comunitário aos jovens e às famílias.

Valorizando as aptidões pessoais como elementos integrantes da formação humana, o Clube “Mais Sucesso Escolar” proporciona a aquisição de competências e apetências diversas que ultrapassam o saber cognitivo mais predominante nos currículos escolares. Resultando de um processo de participação e animação sociocultural, o Clube adapta-se às necessidades e interesses do seu público-alvo, que assume o papel primordial em cada actividade desenvolvida.

Para a produção deste Relatório apoiei-me no paradigma de investigação-acção participativa, uma vez que se centra na compreensão dos problemas, analisando as atitudes, os comportamentos e os valores. Para operacionalizar este Projecto baseei-me na consulta de documentos, na observação participante, nas notas de campo, nas entrevistas semi-estruturadas, nos grupos de discussão focalizada, no inquérito por questionário, nas conversas informais e na análise e interpretação dos resultados.

A intervenção demonstra que as actividades extracurriculares são indispensáveis no desenvolvimento da formação pessoal e social dos estudantes e são formas de saber, de estar, de comunicar e de aprender. Em escala alargada, permite aos jovens participar em desafios pessoais e colectivos que contribuem para melhorar os resultados académicos, valorizando também os contactos intergeracionais, bem como realçando aprendizagens que ficam para o resto da vida.

**Palavras-chave:** Insucesso Escolar, Educação Não Formal, Actividades Extracurriculares, Intervenção Comunitária.





# **CLUB “MORE EDUCATIONAL ACHIEVEMENT” - NOT ONLY LIVES OF FORMAL EDUCATION SCHOOL**

*Catarina Alexandra Miranda de Oliveira*

Professional Practice Report

Master in Education – Adult Education and Community Intervention

University of Minho

2011

## **Abstract**

The ES with the goal to improve academic results and to become ever closer to the students implemented, since 2009/2010, the “Mais Sucesso Escolar” Club (CMSE). The measures developed on “CMSE” are essentially oriented to young from 7<sup>th</sup> to 12<sup>th</sup> grade and their families.

The work consisted on the execution of diversified tasks. It focused mainly in the “Centro de Trabalho Autónomo” (CTA), room through planning and dynamic play activities and pedagogical towards students; in the “Ludoteca” through didactic games; and in the “Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família” (GAAF), through installment of personal, social, educational and community support to young and their families.

Valuing the personal skills as members of human development, the “Mais Sucesso Escolar” Club provides the acquisition of diversified skills that surpass the cognitive knowledge, dominant in school curriculum. Resulting from a process of “sociocultural” participation and animation, the club adapts itself to the needs and interests of its public target, which assumes the man focus of each developed activity.

For this report, we made use of the “investigação-acção participativa” paradigm, once it focuses on the comprehension of problems, analyzing attitudes, behaviors and principals. To operationalize this project we based ourselves on documents consults, making use of participant observation, camp notes, semi-structured interviews, informal talks and on content analysis.

Our intervention shows that extracurricular activities are indispensable to the social and self development of students and are ways of knowledge, being, communicating and learning. In a wide scale, it allows young people to participate in personal and collective challenges that contribute to improve their academic results, valorizing also contacts between generations, as well as enhance learning that stick to the remaining of their lives.

**Keywords:** School Failure, Non-Formal Education, Extracurricular Activities, Community Intervention.



# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	vii
ABSTRACT .....	ix
ÍNDICE .....	xi
ÍNDICE DE SIGLAS/ABREVIATURAS.....	xv
ÍNDICE DE QUADROS.....	xv
ÍNDICE DE IMAGENS.....	xv
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	xv
ÍNDICE DE ANEXOS.....	xvi
ADVERTÊNCIAS .....	xvii
<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>1</b>
OBJECTIVOS.....	2
ESTRUTURA DO TRABALHO .....	3
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO .....</b>	<b>5</b>
CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO.....	5
CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO .....	6
APRESENTAÇÃO DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR” .....	8
1) AS CARACTERÍSTICAS DE UM CLUBE NO SISTEMA EDUCATIVO .....	8
2) FUNDAMENTAÇÃO DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR” .....	11
3) A QUEM SE DESTINA.....	13
4) ESTRUTURA ORGANIZATIVA DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR” .....	13
5) RECURSOS .....	13
CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE INTERVENÇÃO .....	14
1) CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO DE TRABALHO AUTÓNOMO .....	14
2) CARACTERIZAÇÃO DA LUDOTECA .....	15
3) CARACTERIZAÇÃO DO GABINETE DE APOIO AO ALUNO E À FAMÍLIA .....	16
DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES .....	17
FINALIDADE E OBJECTIVOS DO PROJECTO .....	25
<b>3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO ESTÁGIO .....</b>	<b>27</b>
3.1. OS JOVENS E A ADOLESCÊNCIA .....	27
3.2. EDUCAÇÃO .....	29
1) OS DIFERENTES TIPOS DE EDUCAÇÃO .....	29
3.3. INSUCESSO ESCOLAR/SUCESSO ESCOLAR .....	31

3.4. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL .....	33
1) BREVE ENQUADRAMENTO DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL .....	33
2) ANIMAÇÃO NA JUVENTUDE .....	34
3.5. MOTIVAÇÃO .....	34
1) MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA .....	35
<b>4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>39</b>
METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS .....	39
A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA .....	40
TÉCNICAS PARA A RECOLHA DE INFORMAÇÃO .....	41
1) CONSULTA DE DOCUMENTOS .....	42
2) A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E AS NOTAS DE CAMPO .....	42
3) AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS .....	43
4) OS GRUPOS DE DISCUSSÃO FOCALIZADA .....	45
5) O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO .....	45
6) AS CONVERSAS INFORMAIS .....	47
TÉCNICAS PARA PROCESSAMENTO DE DADOS .....	48
1) INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	48
<b>5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO .....</b>	<b>49</b>
□ IMPLEMENTAÇÃO: .....	49
1) CRIAÇÃO DO PROJECTO GABINETE DE APOIO AO ALUNO E À FAMÍLIA .....	49
2) PROJECTO “EDUCAÇÃO SEXUAL NA TUA ESCOLA – APRENDER A CRESCER” .....	53
3) PROJECTO “CONSUMO CONSCIENTE, RESPEITA O AMBIENTE” .....	55
□ COMEMORAÇÃO DE DIAS TEMÁTICOS: .....	55
4) COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO .....	55
5) SEMANA INTERNACIONAL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES .....	56
6) COMEMORAÇÃO DO NATAL .....	57
7) ÁRVORE DOS DESEJOS .....	58
8) TEATRO INGLÊS NA ESCOLA .....	58
9) DIA MUNDIAL DA SAÚDE .....	59
10) DIA INTERNACIONAL DA DANÇA .....	59
□ SESSÕES DE ESCLARECIMENTO: .....	60
11) SESSÃO “COMO POUPAR NA ALIMENTAÇÃO” .....	60
12) SESSÃO “AUTO MAQUILHAGEM E CUIDADOS DE PELE” .....	61
□ SENSIBILIZAÇÃO: .....	62
13) CAMPANHA DAS TAMPINHAS AMIGAS .....	62

14)	ÁREA VOCABULAR .....	62
15)	JANEIRO CONSTRUTIVO .....	63
16)	VISITA DE ESTUDO COM AS TURMAS DO 8º ANO AO CSPA.....	64
	AVALIAÇÃO GLOBAL.....	64
<b>6.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>67</b>
<b>7.</b>	<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>71</b>
<b>8.</b>	<b>ANEXOS .....</b>	<b>75</b>



## ÍNDICE DE SIGLAS/ABREVIATURAS

EAIC – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

CMSE – Clube “Mais Sucesso Escolar”

CTA – Centro de Trabalho Autónomo

GAAF – Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OEA's – Ocupação Educativa de Alunos

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

PIT – Plano Individual de Trabalho

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro n.º 1 – Taxa de sucesso pleno no triénio 2006/2009	7
Quadro n.º 2 – Participação dos Pais nas reuniões	8
Quadro n.º 3 – Sinalizações periódicas dos alunos por ciclos	50

## ÍNDICE DE IMAGENS

Imagem n.º 1 – A Escola e os seus Parceiros	11
---------------------------------------------	----

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Se sim, porquê?	21
Gráfico 2 – Se não, porquê?	22
Gráfico 3 – Costumas participar nas actividades da escola?	23
Gráfico 4 – Se sim, quais?	23
Gráfico 5 – Se não, porquê?	24
Gráfico 6 – Quais são os temas que gostavas que fossem abordados nas actividades?	24



Gráfico 7 – Número de sinalizações	51
Gráfico 8 – Outras tarefas	52

### **ÍNDICE DE ANEXOS**

Anexo 1 – Exemplo do inquérito por questionário de avaliação de necessidades	76
Anexo 2 – Gráficos resultantes da análise do inquérito de avaliação das necessidades	79
Anexo 3 – Guião das entrevistas	81
Anexo 4 – Exemplo do inquérito de avaliação da actividade	83

## **ADVERTÊNCIAS**

Adverte-se os leitores que a Escola e os agentes envolvidos no presente projecto não são identificados. Optou-se por razões da preservação de identidade e salvaguarda da privacidade por designar a Escola por ES e os agentes só pelas iniciais do nome.



## **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este Relatório surge no âmbito do Estágio Curricular do Mestrado em Educação, enquadrando na Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (EAIC). O objectivo da via profissionalizante, em comparação à via tradicional académica, consiste na realização de um estágio a tempo inteiro numa instituição que pressupõe o desenvolvimento de um projecto de investigação-acção.

O Estágio Curricular decorreu na ES. Iniciou-se no dia 1 de Setembro de 2010 e terminou a 16 de Junho de 2011 e incide sobre um clube da escola, o Clube “Mais Sucesso Escolar” (CMSE). Foi orientado pela Mestre MFF, da Escola Secundária e supervisionado pelo Doutor José António Martin Moreno Afonso, da Universidade do Minho.

A escola constitui o ambiente propício para a aplicação de programas de animação sociocultural e de intervenção social e comunitária, uma vez que se insere em todas as dimensões do jovem: ensino, relações lar – escola – comunidade, ambiente físico e emocional.

Sendo a Escola Secundária uma organização predominantemente direccionada para a juventude, procura actualmente ser um espaço da vida de cada jovem, no qual a participação é um direito incontestável.

O Clube “Mais Sucesso Escolar”, implementado desde o ano lectivo 2009/2010, tem como princípios orientadores melhorar os resultados escolares e as atitudes dos alunos e dinamizar de forma lúdica e pedagógica a sala do Centro de Trabalho Autónomo (CTA) e a Ludoteca, ambos existentes na escola. Este Clube é fundamental para os alunos e simultaneamente para a escola, na medida em que a colaboração entre a estagiária, Professores e Encarregados de Educação assume um papel determinante na melhoria dos resultados escolares e a auto-estima dos alunos, o desenvolvimento da criatividade e das capacidades de expressão e comunicação dos mesmos, são encarados como metas da formação do “sujeito” completo. Neste sentido, no Clube as actividades extracurriculares adquirem ênfase sendo tão valorizadas como quaisquer outros conteúdos curriculares, colocando de lado a ideia de se tratar de um conjunto de meros “acessórios ou apêndices”.

A Escola Secundária pretendeu com o presente estágio que eu colaborasse com o Clube “Mais Sucesso Escolar”, inserido quer no Centro de Trabalho Autónomo, quer na Ludoteca. No primeiro espaço foram planificadas e dinamizadas actividades extracurriculares nas mais diversas áreas, dirigidas aos alunos do 7º ao 12º ano de escolaridade, nomeadamente a nível social, cultural, educativo e artístico, com o objectivo de estimular os jovens para a construção

de uma cidadania mais participada, assim como para a promoção do desempenho e sucesso académico. No segundo espaço, Ludoteca, a minha intervenção baseou-se na exploração de jogos didácticos promovendo, entre outros, a interacção entre os alunos.

Para além disso, sugeri a implementação do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), inserido também ele no CMSE, cujo objectivo principal é prestar apoio aos alunos e às respectivas famílias, disponibilizando acções que contribuam para o desenvolvimento global dos jovens estudantes, sempre com um “olhar” direccionado para o sucesso e desempenho escolar dos mesmos. Pretendeu-se ainda que este Gabinete englobasse dimensões que permitissem melhorar as competências ao nível da intervenção comunitária, ou seja, a mediação de conflitos entre os alunos, os professores e a família. Outro dos factores explorados visava a melhoria comportamental, através da implementação de medidas necessárias para melhorar a conduta desajustada à sala de aula.

Em cada uma das actividades desenvolvidas acentuou-se a realização pessoal dos alunos, apelando para a imaginação, a espontaneidade, a expressão de sentimentos (como forma de assegurar novas experiências), o desenvolvimento pessoal e simultaneamente o empenho escolar. O protagonismo de cada jovem participante é essencial em todo o processo. Também as relações pessoais e grupais que se estabelecem são fundamentais, no sentido de relacionar o jovem quer com o grupo de pares, quer com as diferentes gerações, assim como com a heterogeneidade dos estatutos socioeconómicos. Desta forma, desenvolveram-se competências necessárias para os alunos se empenharem escolarmente e saber estar em sociedade, estreitando-se as ligações com a comunidade e os grupos intergeracionais. Mas, nesta minha dinâmica de intervenção, o Clube também se “actualiza” nas actividades dinamizadas e vai de encontro com as “modas da juventude”, reflectindo-se este esforço, por exemplo no “Dia Internacional da Dança”, que trabalhando mais directamente a expressão corporal, responde a um novo interesse dos estudantes.

Caracteriza-se o Clube ainda por estar bastante próximo da educação não formal, porque as actividades implicam sempre a aquisição e desenvolvimento de competências pessoais e sociais, que ocorrem de forma espontânea e natural, como fruto de uma vivência social.

## OBJECTIVOS

Pretende-se que o presente Relatório represente a reflexão sobre uma prática de intervenção socioeducativa não formal e de intervenção comunitária. É, ainda, meu objectivo que

este documento possa servir de guia para os profissionais na área da Educação de Adultos e Intervenção Comunitária, e outros profissionais das Ciências Sociais e Humanas, que intervenham em contextos semelhantes de educação, enfatizando que, com base nesta experiência, as actividades extracurriculares poderão ser potencialmente estimulantes para o empenho e sucesso académico dos estudantes.

Pretende-se também dar conta, através de uma reflexão crítica e fundamentada, da minha experiência no contexto de Estágio, das vivências e competências que tive oportunidade de vivenciar, bem como desenvolver e demonstrar, enquanto estagiária, de que forma os conhecimentos adquiridos na Licenciatura em Educação e aprofundados no Mestrado em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária podem ser aplicados num contexto real.

#### ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente documento é constituído por seis secções. Na primeira – considerações iniciais – é apresentado o contexto em que surge o Estágio e a estrutura do documento que o corporiza. Na segunda, é feita a caracterização educacional do contexto escolar onde decorreu o Estágio. Na terceira, foi feito um enquadramento teórico onde são abordados como subtópicos o insucesso escolar, a educação não formal, as actividades extracurriculares e a intervenção comunitária numa tentativa de alcançar a melhoria e o desempenho académico dos estudantes. Na quarta e quinta secção são apresentadas as metodologias utilizadas para o sucesso deste projecto. Mediante a aplicação destas técnicas, é feita a apresentação e interpretação dos resultados. Finalmente, na última secção, apresentam-se as conclusões que permitem conhecer e compreender na totalidade o CMSE.



## **2. CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO**

### CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A ES situa-se no concelho da Maia e está excelentemente localizada, na medida em que está próxima do aeroporto Dr. Francisco Sá Carneiro, do Aeródromo de Vilar da Luz, da rede de metro e de uma moderna rede viária o que proporciona um fluxo de negócios, turismo e lazer, com algum impacto na região. O concelho da Maia e as restantes freguesias estão a desenvolver e conseqüentemente a executar planos no que dizem respeito à utilização dos ecopontos, particularmente ecopontos com capacidade para receber diversos materiais, como por exemplo baterias de contentores, bem como resíduos destinados à reciclagem.

A Escola insere-se num meio onde, nos últimos anos, se tem manifestado um crescimento demográfico e desenvolvimento socioeconómico, conseqüente da expansão do concelho da Maia. Era uma região de cariz meramente rural, apresentando-se actualmente com uma grande tendência para a construção como pólo urbanístico, resultante do desenvolvimento comercial e industrial. Este facto é, seguramente, resultado da proximidade da cidade do Porto, da melhoria dos acessos a este concelho, da existência de um estabelecimento de Ensino Superior e de alguns sectores da zona industrial da Maia.

A ES foi inaugurada a 31 de Outubro de 1992 e está localizada na freguesia de Santa Maria do Avioso. É constituída por seis edifícios idênticos entre si, numa área de 3 200 m<sup>2</sup>. A escola possui zonas verdes, com recreio e passeios cobertos, campo de jogos e balneários. É importante referir que a utilização do pavilhão gimnodesportivo é partilhada com a Escola EB 2/3.

Salienta-se que os alunos desta escola são oriundos de meios socioeconómicos distintos, verificando-se que tendencialmente aumentam as situações de carência vivenciadas por algumas famílias. Como tal, as ajudas económicas conduzem-se pelos critérios da atribuição do abono de família, incluindo manuais, materiais escolares e comparticipação no custo das refeições.

No que diz respeito à caracterização da situação familiar dos estudantes, verifica-se que 84% dos mesmos vivem com os pais.

É apanágio desta instituição escolar combater o insucesso escolar, daí apresentar também apoio extra-escolar/explicações, que varia desde a ocupação de tempos livres e explicações (exemplo Inglês, Matemática, entre outras), bem como a formação de turmas “Mais Sucesso”, o funcionamento de tutorias aos alunos, a distribuição criteriosa de serviço docente,



apoio às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática e o aumento da carga horária em Língua Portuguesa, Matemática e Inglês.

Sendo que a escola é um direito de todos, independentemente das capacidades cognitivas e físicas dos alunos, o ensino especial tem tido um impacto positivo nos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), sendo que no ano de 2008/2009 houve apenas uma retenção em treze alunos que beneficiaram deste apoio.

Salienta-se ainda que o abandono escolar dos alunos do Ensino Básico é praticamente insignificante. No entanto, o número de alunos que pedem transferência para outras escolas tem vindo a crescer no Ensino Secundário, devido à mudança de residência e do emprego dos Encarregados de Educação, entre outras.

No que diz respeito aos Encarregados de Educação, nota-se que em 2008/2009, a maior percentagem continua a ser atribuída às mães, sendo que 691 eram as mães a ter esse papel comparativamente a 230 pais, 22 a avós e 20 a outros (irmãos, tios, etc.).

#### CARACTERIZAÇÃO DO PÚBLICO-ALVO

O público-alvo é importante para que se defina para onde se pretende caminhar. Define o resultado final, o ponto, a meta (definida em termos de resultado final) para onde se aponta, assim como deve ser definido, tendo em conta os destinatários do projecto e o seu ponto de vista.

A Escola Secundária constitui um universo de 1200 alunos e está direccionada para todos os jovens, dos 12 aos 17 anos, que tencionem fazer a sua escolaridade num ambiente que respeite e promova as suas aptidões. É importante ressaltar que existe um grupo reduzido de alunos marcados pelo insucesso escolar em que as idades oscilam entre os 18 e os 19 anos. Neste caso, a faixa etária dos alunos varia entre os 12 e os 19 anos de ambos os sexos.

A Escola Secundária está estruturada em três diferentes níveis:

- \* 3º Ciclo do Ensino Básico (7º ao 9º ano): esta etapa tem como principal objectivo garantir aos alunos independência, competência e motivação;
- \* Ensino Secundário Científico-Humanístico (10º ao 12º ano): neste nível de ensino, a Escola centra-se na qualidade das aprendizagens dos alunos, na criação de redes de trabalho colaborativo, na prática pedagógica em sala de aula e sistematicamente na reflexão e auto-questionamento;

- \* Cursos Profissionais, Tecnológicos e de Educação e Formação: este nível de ensino procura ir ao encontro das expectativas dos alunos, construídas com base nas novas realidades do meio envolvente. Neste sentido, a Escola tem em consideração as necessidades do mercado de trabalho, bem como a oferta dos outros estabelecimentos de Ensino Secundário existentes no concelho.

O público-alvo reside, em grande parte, na zona envolvente à escola e são predominantemente originários de família de classe média.

Relativamente ao sucesso educativo, a taxa de retenção no Ensino Básico tem diminuído nos últimos anos, com uma pequena excepção no que se refere ao 9º ano, uma vez que os valores percentuais subiram no ano lectivo 2008/2009. Assim, no Ensino Secundário a percentagem de retenção não espelha a mesma tendência, havendo oscilações nos resultados dos estudantes.

No triénio de 2006-2009, a taxa de sucesso pleno (conclusão do ciclo em três anos) situou-se nos 79,1% no Ensino Básico e 48,3% no Ensino Secundário, como se verifica no quadro seguinte:

Taxa de sucesso pleno no triénio 2006/2009			
Ciclos	N.º total de alunos	Conclusão em 3 anos	
		Nº alunos	%
Ensino Básico	87	110	79,1%
Ensino Secundário	70	145	48,3%
Ensino Profissional	15	15	100%

Quadro n.º 1 – Taxa de sucesso pleno no triénio 2006/2009

Fonte – *Projecto Educativo 2009-2013 da ES*

Apesar de implantada numa zona tradicionalmente rural que tem vindo a sofrer alterações significativas ao nível do urbanismo, das dinâmicas do mercado de emprego e do perfil sócio demográfico, a escola foi recentemente avaliada pelo Programa AVES<sup>1</sup> como uma escola com alunos de nível sociocultural tendencialmente médio-alto.

<sup>1</sup> O Programa AVES de Avaliação de Escolas visa ajudar a estabelecer a ligação, no terreno de cada escola, entre a identificação dos factores que promovem (e impedem) a qualidade do seu desempenho e as acções e os projectos que podem ser mobilizados para a melhoria do seu desempenho social, ver *Projecto Educativo 2009-2013 da ES*, referido na Bibliografia.

No ano lectivo 2009/2010, os Serviços de Acção Social Escolar subsidiaram 378 alunos (150 no escalão A, 190 no escalão B e 38 no escalão C), o que corresponde a uma percentagem de 37% relativamente ao total de alunos da escola (1200 alunos).

No entanto, verifica-se que a média das habilitações dos pais dos alunos da escola situa-se entre o 1º e 3º ciclos de escolaridade, sendo minoritários os que frequentaram e os que concluíram o Ensino Superior.

Nos dias de hoje, é importante referir e louvar a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos. Esta acção tem vindo a aumentar nos últimos anos e a média das participações nas três reuniões periódicas do ano revela essa mesma tendência.

Ano lectivo	Ensino Básico	Ensino Secundário
2006/2007	65%	59%
2007/2008	74,2%	67,6%
2008/2009	77,8%	67,8%

Quadro n.º 2 – Participação dos Pais nas reuniões

Fonte – *Projecto Educativo 2009-2013 da ES*

A Associação de Pais existe desde os primeiros anos de funcionamento da escola. As suas acções remetem para uma grande colaboração com toda a comunidade escolar, particularmente com a direcção da escola. É de salientar que a participação da Associação de Pais no Conselho Pedagógico e Assembleia da Escola tem sido de uma regularidade e assiduidade notáveis. Neste sentido, têm sido realizadas duas reuniões por ano entre a Direcção, os Representantes dos Pais e os Encarregados de Educação das turmas, sendo debatidos e tratados problemas inerentes à escola. Contudo, os representantes dos Encarregados de Educação são incentivados e estimulados a reunir com os restantes pais para partilhar a informação recolhida e dar contributos para a resolução dos problemas identificados.

#### APRESENTAÇÃO DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR”

##### 1) AS CARACTERÍSTICAS DE UM CLUBE NO SISTEMA EDUCATIVO

Além das suas componentes pedagógicas e de formação, a escola deve assumir-se como um espaço de aproveitamento das sensibilidades e das paixões individuais dos seus alunos. Neste sentido, deve realizar um trabalho que oriente os seus estudantes para um mundo prático, ou seja, deve encaminhar os jovens para o mercado de trabalho.

“Os programas lectivos nem sempre deixam espaço a que possam ocorrer na sala de aula os necessários e desejáveis ‘intercâmbios’ entre a escola e o meio envolvente” (Duarte & Gonçalves, 1996:6). Nesta perspectiva, o Clube “Mais Sucesso Escolar” visa ser um programa fundamental, na medida em que vai ao encontro de uma “escola viva” onde os jovens entram em contacto com uma espécie de “disciplina de fascínio” (seguindo a feliz expressão de Ana Duarte e Luís Jorge Gonçalves, 1996) de cada um, dando a oportunidade aos alunos de fazer e de ficarem a conhecer melhor as áreas temáticas que mais desejam.

Pude realizar na escola aquilo que mais me fascinava: colaborar com o CMSE e proporcionar aos estudantes actividades que desenvolvessem competências que dentro da sala de aula não seria possível de se realizar. Para isso, elaborei um plano devidamente estruturado que viria a estabelecer o trabalho de intervenção que iria ser desenvolvido na escola.

A cada actividade proposta que abordava as mais diversas temáticas, como por exemplo a dança, a escrita, a criatividade, a leitura, entre outras, acrescentei uma componente formativa e educativa, através da organização de estratégias com a orientação de alguns autores, mestres neste tipo de saberes.

O meu objectivo era proporcionar aos estudantes a possibilidade de lhes experienciar contributos que pudessem ser úteis para o seu futuro, além de contribuir para um alargamento dos campos de criatividade e de conhecimento, bem como ajudar na melhoria do desempenho e sucesso académico.

Fruto dessa experiência, conclui-se que os estudantes e os profissionais que estiveram envolvidos no clube ficaram a conhecer melhor as suas capacidades e competências.

Na perspectiva dos autores Duarte e Gonçalves (1996), um clube inserido no sistema educativo deverá contemplar três grandes objectivos:

- \* Ocupar a população estudantil nos seus tempos livres em diversas áreas, correspondendo aos seus interesses como complemento da área vocacional;
- \* Contribuir para a formação integral dos estudantes, tornando-os mais interessados pelo mundo que os rodeia nas diversas vertentes, quer no domínio humanístico, social, familiar ou tecnológico;
- \* Construir uma interligação entre a comunidade escolar e a local e vice-versa, para que outras culturas e outras formas de pensamento tornem o jovem, no futuro, um adulto que respeita e conhece a interculturalidade e a diferença económica e familiar.

O bom funcionamento de um clube deve contar com a participação activa dos profissionais e alunos envolvidos, de modo a que possam participar e contribuir para o seu desenvolvimento e para a melhoria do desempenho escolar.

Neste quadro, o ideal seria que toda a população estudantil das escolas pudesse usufruir de um clube, tendo em conta que em termos de educação não formal e informal, bem como de intervenção na comunidade, este é um programa privilegiado como a família, os amigos e as aprendizagens realizadas em contexto de aula.

Neste contexto, vale a pena referir que os programas educativos, na sua vertente mais idealizada, acabam por arquitectar uma aliança ou compromisso entre diferentes actores pessoais e sociais. Esta situação declara que outras entidades e serviços, que à primeira vista podem não estar correlacionados directamente com a Educação, têm vindo, cada vez mais, a tornarem-se parceiros referenciados nos programas educativos. Esta implicação não se circunscreve somente ao papel, mas a uma intervenção e colaboração específica. Desta forma, para que estes programas relativos à promoção do desempenho e sucesso académico sejam eficazes, é fundamental que haja uma integração da equipa de profissionais, da escola, do jovem e da família, tendo como ponto-chave os conteúdos trabalhados ao longo e no momento de expressão das práticas, crenças, saberes e vivências dos alunos, de forma integrada e não dissociados em práticas pedagógicas exclusivamente teóricas.

A imagem seguinte expõe uma possibilidade de interacção entre diferentes parceiros de uma escola, onde existe cruzamento entre os mesmos, numa espécie de trabalho em rede, partilhando objectivos e interesses em comum que devem favorecer sempre os jovens estudantes. Parcerias que exprimem uma responsabilidade partilhada entre diferentes entidades, que se situam no sistema educativo e que contribuem para a definição dos objectivos, filosofias, práticas e políticas consideráveis para o desenvolvimento, aprendizagem e formação dos jovens, cidadãos no futuro.

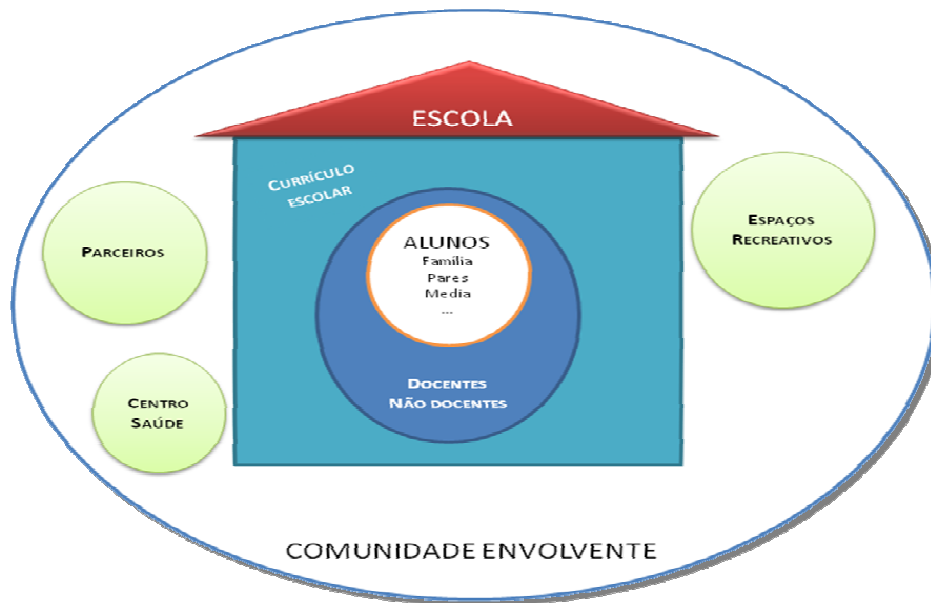


Imagem n.º 1 – A Escola e os seus parceiros

Fonte – Imagem elaborada por Lisa Afonso no Relatório de Estágio Profissional – PEPAC, no ano de 2011

Em conclusão, o sistema educativo pode-se posicionar num contexto de diversificação de actores e cada escola pode beneficiar com esta lógica de diálogo e de negociação, tornando-se mais rica.

## 2) FUNDAMENTAÇÃO DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR”

Depois deste breve enquadramento conceptual do termo clube, começa-se por referir que o CMSE, de forma geral, segue as orientações acima descritas.

A criação do CMSE surgiu da necessidade patenteada pelo Conselho Pedagógico em aumentar a motivação para as actividades extracurriculares promovidas pela Escola Secundária e, por outro lado, da urgência de racionalização de recursos e de estímulo à articulação com as actividades de sala de aula.

Tratando-se de um Clube lançado em 2009/2010 pela Escola Secundária, concebido para melhorar os resultados académicos e as atitudes dos alunos, e através da dinamização do Centro de Trabalho Autónomo e da Ludoteca, proporcionar actividades em que o desenvolvimento da criatividade e das capacidades de expressão, escrita e comunicação são encarados como metas da formação do homem completo.

De um modo geral, e partindo do princípio que todo o ser humano possui o poder inato de criar, caberá à escola com responsabilidades na educação e formação (formal, não formal ou

informal) aproveitar esse poder e desenvolvê-lo com a finalidade de incrementar o desempenho e sucesso escolar dos estudantes.

Deverá ser na escola que cada jovem aprende praticando e expressando livremente as suas ideias e sentimentos, onde será encorajado a relacionar-se com a comunidade através da sua qualidade de “único”, ou seja, o jovem aprenderá mediante a própria actividade no processo de criar.

Os objectivos do CMSE são:

- \* Melhorar a auto-estima e as expectativas dos alunos;
- \* Proporcionar o contacto com diferentes formas de expressão, permitindo a descoberta e o desenvolvimento de interesses e competências;
- \* Melhorar os resultados académicos e as atitudes dos alunos;
- \* Possibilitar a ligação dos jovens com a comunidade;
- \* Proporcionar uma ocupação activa dos seus tempos livres e quando estão em Ocupação Educativa de Alunos (OEA's), ou seja, quando, excepcionalmente, se verifica a ausência de um professor;
- \* Envolver os Encarregados de Educação no processo de melhoria dos resultados escolares;
- \* Incrementar o sucesso escolar;
- \* Promover a responsabilidade, o empreendedorismo e a formação cívica;
- \* Proporcionar actividades extracurriculares, de forma a conferir competências sociais, humanas e técnicas.

O Programa “Mais Sucesso Escolar” (informação retirada do site <http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=227>, consultado em 4 de Março de 2011) apoia as escolas no desenvolvimento e implementação de projectos com o objectivo de reduzir as taxas de retenção e de elevar o nível de sucesso no Ensino Básico e Secundário.

Este programa abrangeu, em 2009/2010, cerca de 12 000 alunos do 1º, 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, em especial do 7º ano de escolaridade.

Na base do programa estão subjacentes estratégias de acção como:

- \* Constituição e formação de equipas pedagógicas que dêem apoio diferenciado a grupos de alunos;
- \* Constituição de assessorias para apoio a alunos com NEE;

- \* Organização de grupos flexíveis de estudantes, com planos específicos de intervenção, recuperação e desenvolvimento das aprendizagens, de acordo com o seu nível de conhecimentos;
- \* Organização de ofertas formativas complementares.

### 3) A QUEM SE DESTINA

- \* Comunidade escolar (professores, alunos, pessoal não docente, pessoal auxiliar de acção educativa, pessoal administrativo, pais e encarregados de educação);
- \* Comunidade local (grupo de pessoas que convivem num mesmo espaço restrito (freguesia de Santa Maria de Avioso) por dimensões bem definidas na procura de um bem comum, ou seja, na melhoria do sucesso escolar dos seus jovens.

### 4) ESTRUTURA ORGANIZATIVA DO CLUBE “MAIS SUCESSO ESCOLAR”

O Clube “Mais Sucesso Escolar” era coordenado pela Professora MFF, tendo como responsáveis a Professora APC, LT, outros professores (em OEA's) e a estagiária Catarina Oliveira. As principais actividades (para além das realizadas em sala de aula) foram: Ocupação Educativa dos Alunos, estudo orientado, actividades plásticas, Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, Ludoteca e Centro de Trabalho Autónomo

### 5) RECURSOS

Os recursos humanos, técnicos e financeiros serão afectados em função de cada actividade proposta pela estagiária.

- \* Apoio técnico: às instituições ou profissionais que manifestem interesse na realização de acções de sensibilização, sessões de esclarecimento ou outras manifestações artísticas e que tenham disponibilidade para assegurar as condições necessárias à realização das referidas actividades;
- \* Apoio financeiro: dentro das suas competências e disponibilidade, o Clube poderá angariar recursos financeiros para custear despesas de alguns materiais e equipamentos.



## CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE INTERVENÇÃO

### 1) CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO DE TRABALHO AUTÓNOMO

O Centro de Trabalho Autónomo é um espaço de trabalho lúdico-pedagógico, frequentado pela comunidade escolar. É essencialmente uma área relacional e de interacção entre os docentes, alunos, não docentes e a estagiária, e um espaço onde os alunos recebem apoio educativo, no desenvolvimento de competências em todas as áreas curriculares em funcionamento na escola. No entanto, a função deste espaço não se esgota nas OEA's, constituindo-se como uma estrutura nuclear da escola, que se apresenta como uma plataforma de junção de saberes e competências, tendo em vista a missão e os objectivos definidos para o sucesso educativo dos alunos.

O CTA é um local muito movimentado e frequentado pelos jovens estudantes. Neste espaço podemos encontrar cinco computadores e muitas propostas de actividades concebidas e planificadas num clima de liberdade e autonomia. Quem quiser utilizar os computadores apenas tem que se dirigir à funcionária ou estagiária, para que seja feito um registo da entrada e para que computador o aluno vai; podendo também, trazer o seu portátil e estar na sala, acedendo à internet através do cabo. O acesso à internet configura-se de extrema importância para os alunos que ainda não têm a possibilidade de aceder à internet em casa, podendo, nesse sentido, recorrer a este espaço e acederem a um universo interminável de informações. O uso dos computadores pode ser por tempo indeterminado, a menos que haja uma lista de espera de alunos que queiram fazer trabalhos ou pesquisa e nesse caso os computadores são libertados para esses estudantes. Assim, vários são os jovens que se dirigem a este espaço, não só para navegar na internet, mas também para pesquisas, enviar e trocar correspondência electrónica, participarem em redes sociais como o *Hi5* ou o *Facebook* e, ainda, participar nas actividades propostas pela estagiária.

O trabalho educativo desenvolvido neste espaço desenha-se em função da criação de um investimento no carácter lúdico e pedagógico, mantendo o objectivo de proporcionar momentos educativos e de entretenimento, estimulado o desenvolvimento pessoal, cognitivo e social dos alunos.

Tendo em conta que o CTA acolhe particularmente jovens, houve a preocupação de o decorar como um espaço de lazer, de modo a criar um elo de ligação entre os possíveis quotidianos dos jovens que se encontram no mesmo.

As características do CTA são muito peculiares: é construída por paredes coloridas e uma porta decoradas com imagens atractivas e apelativas, contendo informações úteis para o crescimento dos jovens. Neste sentido, foi intenção da estagiária expor os trabalhos que foram desenvolvidos pelos jovens e restante comunidade escolar, bem como afixar as propostas de actividades futuras.

Para além disso, no CTA encontra-se a presença de alguns cartazes com regras e informações úteis do funcionamento do mesmo. Este facto permite considerar que há uma preocupação, por parte da escola, com os cuidados para o bem-estar dos alunos.

## 2) CARACTERIZAÇÃO DA LUDOTECA

Etimologicamente, o termo Ludoteca deriva do latim *ludu* (jogo) e do grego *théke* (coleção), reportando a um “centro de recreio onde as crianças brincam com os brinquedos e jogos aí existentes” (Dicionário da Língua Portuguesa, 2002:947).

A Ludoteca teve como função promover e desenvolver jogos didácticos para os jovens alunos. A responsável por dinamizar este serviço foi a estagiária, e portanto, muito sensível às questões da educação e da formação. Neste espaço podemos, ainda, encontrar uma funcionária, recrutada do Centro de Emprego, o que permite manter este espaço aberto durante todo o período escolar.

A Ludoteca é um espaço didáctico e recreativo-cultural destinado também à distração e ao desenvolvimento da comunicação que o jogo oferece, podendo contribuir para melhores desempenhos académicos e conseqüente sucesso escolar.

A sala é um espaço com enormes dimensões e decorada de forma bastante alegre e juvenil, sem estar infantilizada demais. Neste espaço podemos encontrar uma variedade de jogos de tabuleiro (como o monopólio, *cluedo*, *scrabble*, *pictionary*, entre outros), alguns filmes, jogos de computador e ainda inúmeros jogos de *playstation*. São duas as *playstations* que este espaço possui, sendo bastante requisitadas pelos adolescentes.

Os jovens que pretendam usufruir deste espaço devem cumprir um conjunto de regras para um melhor funcionamento da Ludoteca. Todos os materiais e jogos estão à vista e à disposição de qualquer aluno, o que implicou uma maior responsabilização, não só da parte dos jovens, mas também da funcionária e estagiária, que em momento algum pôde deixar o espaço lúdico sem supervisão. Desta forma, nenhum aluno podia pegar em algum material sem antes pedir autorização. O aluno sempre que requisitava um jogo (seja de tabuleiro, computador ou

*playstation*) ou filme apresentava o seu cartão de estudante à funcionária ou à responsável por aquele serviço para que se pudesse efectuar o registo da requisição. O aluno solicitava o jogo ou filme que queria jogar ou ver, sendo necessário que a funcionária tomasse nota do nome do aluno, bem como a hora a que estes foram requisitados. Para entregar o jogo ou o filme o processo era exactamente o mesmo, ou seja, o aluno entregava o material requisitado e a funcionária tomava nota da hora de entrega.

No que diz respeito ao uso da *playstation*, a sua utilização estava limitada a dois alunos e não mais que isso, sendo que os utilizadores podiam jogar por tempo indeterminado. Mas, caso houvesse fila de espera esse tempo era limitado a quarenta e cinco minutos.

É de salientar que neste ano lectivo (2010/2011) a Ludoteca recebeu uma maior quantidade de jogos didácticos para que os alunos pudessem desenvolver as suas capacidades lúdicas no seu tempo livre, dinamizadas pela estagiária. Esta sala estava especialmente pensada para que os alunos, através do jogo e do visionamento de filmes, desenvolvessem a sua personalidade durante o seu tempo de lazer ou quando estivessem em OEA's. Para isso, esta sala oferece aos jovens os materiais necessários, bem como as orientações, ajudas e companhia que o jogo e o filme requerem.

No entanto, realça-se que durante este ano lectivo a Ludoteca esteve várias vezes fechada devido a doença da funcionária.

### 3) CARACTERIZAÇÃO DO GABINETE DE APOIO AO ALUNO E À FAMÍLIA

O Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família é um local onde os jovens e as famílias podem expor os seus problemas, as suas angústias, os seus medos e desejos, no fundo conversar sobre questões que envolvam a problemática da adolescência, contando com o apoio da estagiária que os orientam na procura de respostas e soluções para os seus problemas e anseios. É um serviço gratuito que tem como premissa valorizar a privacidade e a confidencialidade dos alunos e da sua família.

Está sediado no pavilhão D da Escola Secundária. A duração do Gabinete é de um ano lectivo e iniciou-se no dia 6 de Outubro de 2010 e terminou a 16 de Junho de 2011.

Sendo o Gabinete uma actividade implementada pela estagiária, posteriormente irá ser feita uma caracterização mais detalhada.

## DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES

No presente tópico pretende-se identificar e descrever as necessidades, problemas e oportunidades de desenvolvimento que o contexto oferece, bem como analisar as mudanças que através das diversas actividades propostas daí poderão resultar. Neste sentido, pretenderam-se inventariar as aspirações sentidas pela população escolar.

“Um bom diagnóstico é a garantia da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projecto de intervenção” (Guerra:2002:44).

O diagnóstico e análise de necessidades representam um “processo de pesquisa-acção participado” onde se pretendem identificar “os problemas, [...] os recursos e as potencialidades do meio de intervenção”. Nesse sentido, as necessidades resultam do confronto entre expectativas, desejos, aspirações, dificuldades e problemas sentidos num determinado contexto, ou seja, emergem da “identificação dos níveis de não-correspondência entre o que está (situação presente) e o que deveria estar (situação desejada)”, podendo mobilizar vários métodos de investigação (*id*:46).

A realização do projecto está dependente de uma avaliação cuidadosa das necessidades do público-alvo. Por conseguinte, é necessário identificar os problemas ou as necessidades sentidas pela população onde se pretende intervir, neste caso os estudantes da ES. Todas as informações recolhidas nesta fase, relacionadas com os problemas que afectam o sucesso escolar da população, são essenciais para poder planear adequadamente uma intervenção na comunidade escolar.

Neste sentido, realizou-se uma análise de necessidades de forma a obter o diagnóstico necessário para o desenvolvimento do presente projecto, ou seja, de forma a conhecer interesses, problemas e motivações dos destinatários, utilizando-se, para o efeito, técnicas de recolha de dados. Foram privilegiados, como técnicas de recolha de dados, a consulta de documentos, a observação participante, as notas de campo, os grupos de discussão focalizada, as conversas informais, a análise e interpretação dos resultados, as entrevistas semi-estruturadas e o inquérito por questionário aos estudantes e profissionais da Instituição.

Relativamente aos informantes-chave, num primeiro momento, foram realizadas conversas informais com a Directora e Subdirectora da escola, no sentido de obter informações acerca do contexto, bem como da pertinência e exequibilidade da intervenção. Constatou-se que a

Instituição se encontrava receptiva a um projecto desta natureza, considerando-o bastante positivo e necessário.

A Escola planifica anualmente um conjunto de actividades, englobando quer as promovidas pelos Clubes (Clube da Cidadania, Clube da Cultura e da Comunicação, Clube de Saúde, Ambiente e Segurança, Clube de Línguas e Clube “Mais Sucesso Escolar”), como por exemplo actividades da rede de clubes europeus, do programa de aprendizagem ao longo da vida, pela publicação da “Somos Revista”, pelo lançamento e programação da Rádio Escolar, quer as dinamizadas pelos Departamentos existentes (Departamento das Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Expressões, Departamento de Línguas e Departamento de Matemática e Ciências Experimentais), como por exemplo as olimpíadas da matemática e visitas de estudo.

Uma segunda acção foi a realização de uma reunião informal com a Coordenadora do Clube “Mais Sucesso Escolar”. A reunião teve como finalidade conhecer os objectivos do Clube, as actividades já existentes, bem como as suas necessidades imediatas.

Apesar de toda a vitalidade da Escola, através da observação do dia-a-dia da instituição, pode-se detectar que ainda persistem “tempos mortos” e os alunos não se mostravam motivados e interessados em participar nas actividades existentes no Centro de Trabalho Autónomo. Deste modo, recorri também a conversas informais com os alunos, de forma a obter informações que permitissem identificar quais as actividades mais indicadas a desenvolver nesses períodos, que melhor permitissem a participação, iniciativa e a motivação essenciais para a formação de cidadãos livres, responsáveis, solidários e autónomos.

De acordo com os resultados dessas conversas, verificou-se que os alunos sentiam que, para além do plano de actividades, o restante tempo livre é pouco diversificado e ocupado, dedicado apenas à confraternização entre os estudantes.

Foi também privilegiada a observação participante permitindo, por um lado, construir uma proximidade entre os sujeitos e, por outro, recolher os dados mais relevantes do contexto natural, úteis para o objectivo da intervenção.

A observação realizou-se sobretudo nos espaços do Centro de Trabalho Autónomo, da Ludoteca, e ainda no pátio da escola, por este ser um local privilegiado onde os estudantes, encarregados de educação e profissionais frequentam constantemente.

A observação participante foi a técnica privilegiada de recolha de informação, porque ora quando estava a participar nas actividades, ora quando estava apenas a observar, retirava muita informação dessas situações de interacção social. Assim, o olhar incidia sobretudo no espaço,

nos actores (alunos, familiares e profissionais), bem como nas actividades, acontecimentos, sentimentos, etc.

Importa no entanto salientar que esta prática não é simples nem fácil, pois nem sempre se consegue ter uma participação activa nos acontecimentos que vão sucedendo no contexto real. Daí que muitas vezes se tenha adoptado uma postura de realização de observação directa, ou seja, uma “observação baseada na recolha de informações sem abordar directamente os indivíduos e sem que estes intervenham directamente nessa recolha” (Quivy & Campenhoudt, 1998:46).

Além da observação propriamente dita, torna-se necessário recorrer ao registo de dados daquilo que foi observado. No caso particular do trabalho decidiu-se utilizar as notas de campo, numa descrição dos factos observados e vividos no seio do grupo em narrativa, usando termos o mais próximo dos usados pelo grupo observado, deixando a parte mais reflexiva para a posterior interpretação dos dados. Desta forma, as notas de campo são o suporte essencial para a reflexão sobre as problemáticas propostas.

Todas as informações que se considerou pertinentes eram registadas pormenorizadamente nas notas de campo. Houve a preocupação para que estes registos não fossem feitos à frente dos estudantes e famílias, para que não se tornasse numa situação constrangedora capaz de os inibir nas suas acções.

Por fim, realizou-se ainda a análise de alguns documentos, a saber: uns relativos à Escola – o Projecto Educativo [2009-2013], o Projecto de Intervenção, o Regulamento Interno e o organograma da Escola Secundária –, e outros relativos ao concelho – o Pré e o Diagnóstico Social do Concelho da Maia.

Após a leitura e análise de todo o material recolhido, chegou-se à conclusão de que alguns aspectos tinham ficado por esclarecer, relativamente ao tipo de actividades que iriam ser propostas. Assim, houve necessidade de realizar um inquérito por questionário aos estudantes da Instituição, no sentido de colmatar as dúvidas e poder-se ter uma visão mais aprofundada sobre alguns aspectos que para a elaboração deste trabalho se revelaram fundamentais.

A fundamentação da escolha do inquérito por questionário prende-se com o facto de este permitir a realização de uma sequência de questões escritas dirigidas a um conjunto de inquiridos, podendo envolver as suas opiniões, representações e várias informações factuais sobre o objecto a ser observado. Importa também referir que durante a realização do inquérito optou-se por não interromper os inquiridos, de forma a não influenciar os resultados.

No quadro de levantamento de necessidades, verificou-se ainda uma carência que se considera fundamental e no qual incide toda esta intervenção, nomeadamente a urgência de realização de outras actividades que sejam de interesse para os alunos e restante comunidade escolar/local, apelando à motivação e participação dos mesmos. Neste sentido, foi fundamental captar as opiniões e observações de cada aluno, para de seguida realizar e propor as actividades.

Para a selecção dos participantes, recorreu-se a uma amostragem não probabilística do tipo intencional. Esta técnica define-se na escolha deliberada dos elementos da amostra e, desta forma, confia inteiramente no julgamento pessoal do investigador que “está interessado na opinião de determinados elementos da população estatística, mas não representativos da mesma. (...) Não se dirige à ‘massa’ mas aqueles que entende serem os líderes, pressupondo que estes têm a capacidade de influenciar toda a população estatística” (Chizotti, 1995:43).

Os critérios de inclusão foram: uma turma de cada ano de escolaridade (do 7º ao 12º ano). Aplicou-se então um inquérito por questionário de avaliação de necessidades junto de 174 alunos (ver ANEXO 1), com o intuito de aceder a um determinado tipo de informação mais específica. A realização do inquérito durou cerca de 10 minutos e foi realizado no Centro de Trabalho Autónomo. Permitted recolher testemunhos e conferir significado a possíveis hábitos, comportamentos e interesses relacionados com as actividades extracurriculares, revelando-se assim numa importante fonte de informação.

Os dados foram tratados e avaliados com o software de tratamento estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) v.19 e posteriormente organizados em gráficos.

Assim, no que diz respeito às idades, a faixa etária com maior expressão é a dos “15-17” anos com 54% dos estudantes, sendo que as faixas entre os “12-14” e os “18-20” anos agrupam os restantes 46% dos jovens (ver ANEXO 2, Gráfico A1).

Em relação ao “género dos alunos”, dos 174 inquiridos, 58% são do “sexo feminino” e 41% do “sexo masculino”, sendo que 1% “não respondeu” a esta questão. É de salientar, assim, o equilíbrio entre os géneros.

Relativamente ao “ano de escolaridade”, pode constatar-se que o número de alunos e de turmas foram seleccionadas de forma equiparada, sendo este o requisito mínimo obrigatório para que a análise fosse o mais coerente possível.

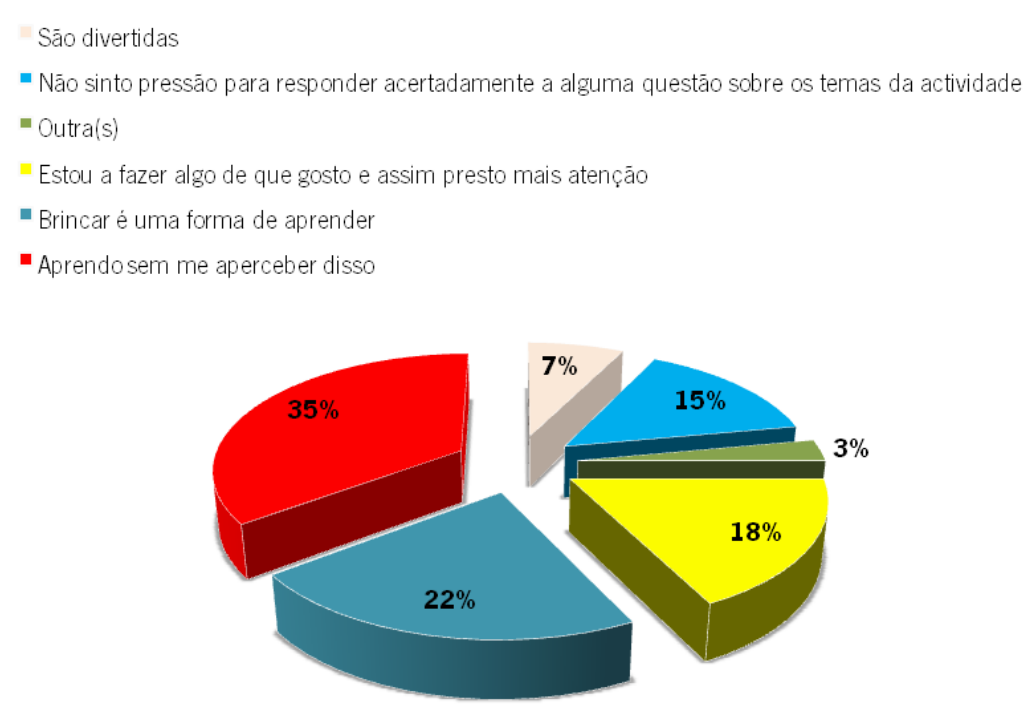
No que respeita ao “número de reprovações”, a maioria dos alunos (71%) não reprovaram “nenhuma vez”, sendo que a restante percentagem apresenta números variados. O número de

reprovações mais cotadas, em ordem decrescente, é: “uma vez” (19%), “duas vezes” (5%) e “não respondeu” (5%).

Em relação às actividades extracurriculares foi perguntado aos alunos se estas os ajudavam a obter novas aprendizagens. Desta forma, é possível verificar que as respostas patenteiam que a maioria (83%) respondeu afirmativamente e 16% referiram que as actividades não contribuíam para a sua aprendizagem e futura formação. Sendo que apenas 1% da população inquirida “não respondeu” à questão. Neste sentido, os alunos patentearam uma visão alargada acerca do conceito, indo as respostas ao encontro daquilo que as mesmas proporcionam (ver ANEXO 2, Gráfico A2 a A5).

Em relação aos inquiridos que responderam afirmativamente, verifica-se que 35% dos alunos referem que “aprendo sem me aperceber disso”; 22% indicam que “brincar é uma forma de aprender”, trazendo assim resultados pedagógicos positivos; 18% mencionam “estou a fazer algo que gosto e assim presto mais atenção” e sentem-se mais motivados; 15% referem “não sinto pressão para responder acertadamente a alguma questão sobre os temas da actividade”, o que lhes incute uma auto-confiança e um sentido de colaboração e participação, e 7% dizem que “são divertidas”. Neste sentido, estas actividades permitem aos alunos um desvanecer do *stress* e, posteriormente, nas aulas são ajudados na concentração. Para finalizar, 3% dão “outras” sugestões, como por exemplo “prefiro aprender desta forma”.

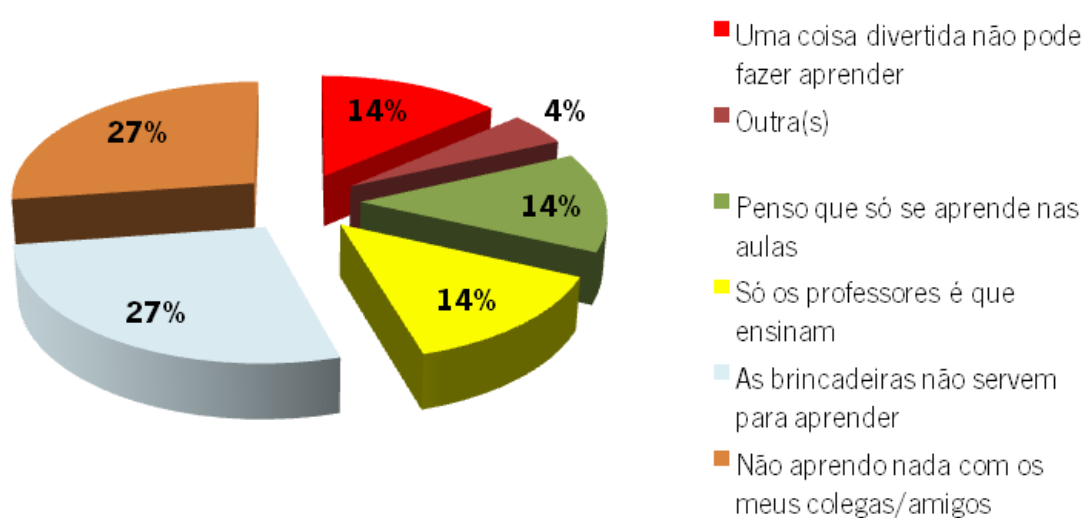
**Gráfico 1 – Se sim, porquê?**





Relativamente aos participantes que responderam negativamente, podemos constatar, que 27% dos alunos mencionaram “as brincadeiras não servem para aprender”, bem como “não aprendo nada com os meus colegas/amigos”; sendo que 14% referem que uma “coisa divertida não pode fazer aprender”, “penso que só se aprende nas aulas” e “só os professores é que ensinam”. Por fim, 4% consideram “outras” hipóteses, como por exemplo “no intervalo a aprendizagem seria maior”.

**Gráfico 2 – Se não, porquê?**

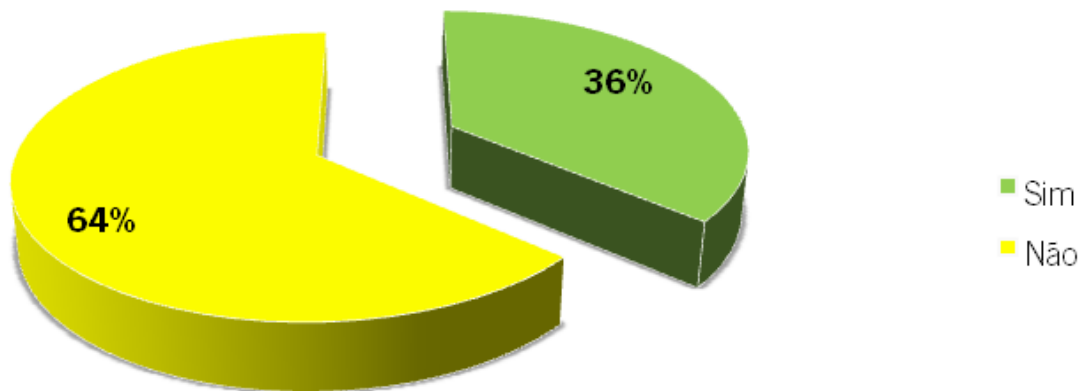


Pode-se concluir que a grande maioria dos alunos considera que a realização de actividades é importante para uma melhor aprendizagem, uma vez que estes, através de uma forma descontraída, aprendem conteúdos necessários para o seu percurso escolar.

Outro dado interessante diz respeito à pergunta 6 “costumas participar nas actividades da escola?”. A maioria dos inquiridos (64%) respondeu “não”, sendo que apenas 36% responderam “sim” à questão colocada.

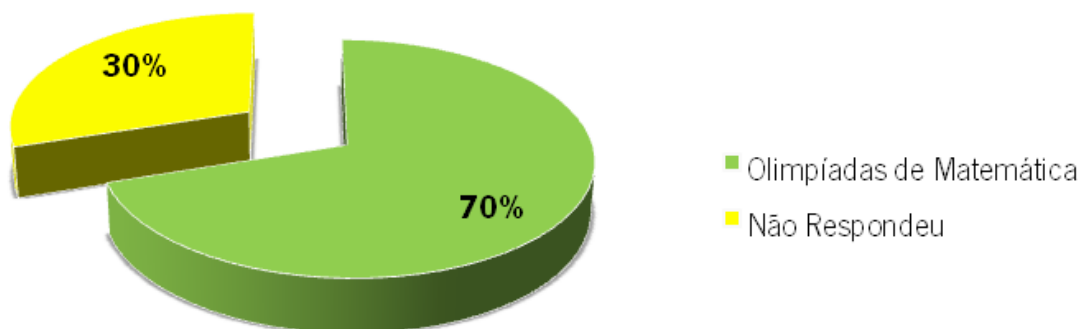
Através do seguinte gráfico é possível constatar a falta de adesão por parte dos alunos nas actividades propostas pela escola.

**Gráfico 3 – Costumas participar nas actividades da escola?**



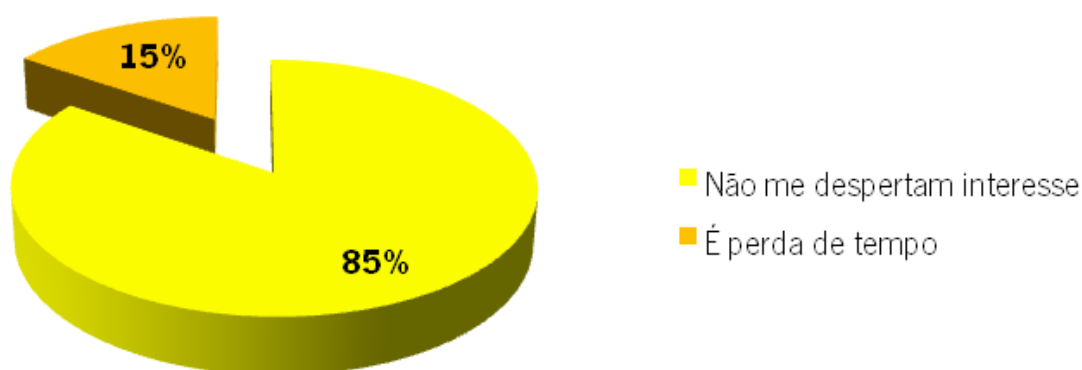
Interessantes são também as respostas dadas à pergunta “se sim, quais?”. No respeitante às ofertas de actividades da escola referidas pelos participantes, 70% dos estudantes mencionam que só participaram nas “olimpiadas de matemática”, sendo que 30% “não respondeu” à questão colocada. Nesta questão, os alunos demonstraram à estagiária a vontade de participar em actividades novas, uma vez que as consideram fonte de enriquecimento pessoal e formativo.

**Gráfico 4 – Se sim, quais?**



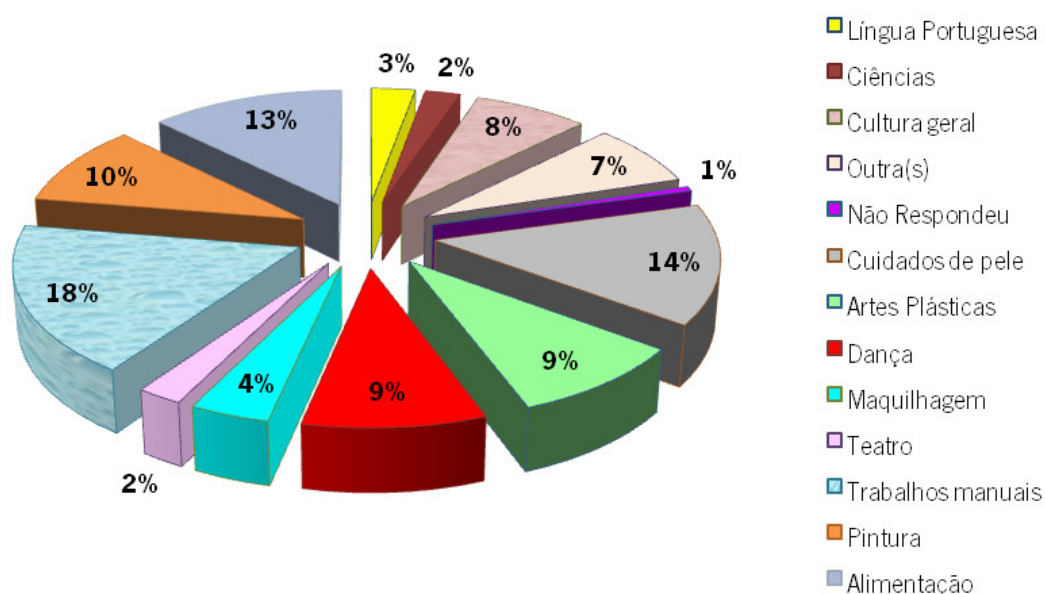
Nas respostas negativas (no gráfico 3), 85% referem que as actividades postostas pela escola “não despertam interesse” e por isso não se inscrevem, sendo que 15% dos alunos mencionam que é “perda de tempo” e até no intervalo a aprendizagem era maior. Assim sendo, é importante salientar a grande motivação e entusiasmo por parte dos actores para a mudança, nomeadamente na receptividade a novos projectos/actividades extracurriculares.

**Gráfico 5 – Se não, porquê?**



Em relação à pergunta “Quais são os temas que gostavas que fossem abordados nas actividades”, 18% dos inquiridos afirmou que estariam interessados em participar em actividades cujo tema se referisse a “trabalhos manuais”, sendo que a opção “cuidados de pele” reuniu 14% dos votos, sendo seguida pelo tema “alimentação” (13%) e pela “pintura” (10%). A “dança” e “artes plásticas” foram apontadas por 9% dos inquiridos. Residualmente, houve ainda sugestões de actividades como “cultura geral”, “outra(s)”, “maquilhagem”, “língua portuguesa”, “ciências” e ainda “teatro”.

**Gráfico 6 – Quais são os temas que gostavas que fossem abordados nas actividades?**



De modo genérico, pode-se concluir, das respostas aos “comentários” que: não declarou qualquer comentário (23%); a escola deveria possuir de um leque mais diversificado de actividades (31%); a instituição não proporciona actividades (16%); as actividades são concentradas num curto espaço de tempo (15%); aumentar o número de ofertas em termos de temáticas (15%) (ver ANEXO 2, Gráfico A6).

#### FINALIDADE E OBJECTIVOS DO PROJECTO

Antes da exposição da finalidade e objectivos do projecto de intervenção que se pretende desenvolver, será pertinente abordar de forma breve a definição de finalidade e objectivo, tendo em conta um melhor entendimento para o que posteriormente apresentarei.

As finalidades do projecto, diz-nos Miguel Ángel Santos Guerra (2002:44), “indicam a razão de ser de um projecto e a contribuição que ele pode trazer aos problemas e às situações que se torna necessário transformar. É vantajoso ser-se precisa na orientação principal de um projecto, sendo preferível escolher uma única, ou duas, grandes finalidades”.

Num projecto de intervenção comunitária deve-se ter em consideração a sua finalidade, de forma a orientar a acção. A finalidade primordial assenta na possibilidade de contacto com diferentes realidades socioeducativas, estimulando a capacidade de contextualização dos contextos. Pretende-se, então, que haja um esforço de contextualização à luz da multireferencialidade e a consequente oportunidade para antever planos e espaços de intervenção educativa, tendo sempre presente as minhas competências enquanto futura profissional em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. O Estágio tem como finalidade melhorar o rendimento escolar e a auto-estima dos alunos, através das actividades extracurriculares propostas, no sentido de os motivar para uma participação activa ao longo do seu percurso académico.

Além das finalidades do meu projecto, é importante ter em consideração os seus objectivos. Estes podem ser gerais ou específicos e são, segundo Jean-Marie Barbier (1993:46), “imagens antecipadoras de um novo estado ou representação de uma nova realidade, de uma transformação a operar”, ou de acordo com outros autores “princípios de orientação que norteiam os esforços dos membros da equipa desenvolvidos no sentido de contribuírem para alcançar o alvo do projecto” (Randolph & Posner, 1992:77).

Os objectivos gerais são de orientação, uma vez que indicam de forma geral a actuação dentro do contexto organizacional, geralmente estão vinculados à missão da organização

responsável pelo projecto, devendo proporcionar directrizes para o delineamento dos planos e programas da acção e descrever grandes orientações para a acção, sendo, portanto, “definidos para todo o projecto (...) são globalizantes e geralmente não são dotados nem localizados com precisão, sendo, no entanto, formulados em termos de verbos de acção” (Guerra, 2002:56).

Os objectivos específicos exprimem resultados e desmultiplicam os objectivos gerais, ou seja, são actualizações dos objectivos gerais. Possuem uma definição detalhada e determinam quais vão ser os caminhos concretos para atingir o fim com que se definem as actividades, de acordo com condições concretas, assim como o sentido para onde se pretende caminhar. Os objectivos específicos indicam “estágios a alcançar” e os objectivos gerais indicam “direcções a seguir” (*id*:57).

Nos termos do meu projecto identificam-se como objectivos gerais:

- \* Conhecer e adaptar-se à Instituição;
- \* Dinamizar o Centro de Trabalho Autónomo e a Ludoteca com actividades lúdicas e pedagógicas, tornando-o um espaço de lazer e aprendizagem;
- \* Criar o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família, colmatando as carências a nível escolar, familiar e social dos alunos e suas famílias;
- \* Aproximar a biblioteca aos alunos, promovendo hábitos de leitura.

Quanto aos objectivos específicos, considerou-se fundamental:

- \* Reforçar a motivação pelas novas actividades;
- \* Fomentar uma maior adesão de alunos voluntários ao Centro de Trabalho Autónomo;
- \* Mobilizar actividades extracurriculares que reforcem o aproveitamento e as aprendizagens dos alunos;
- \* Desenvolver actividades de acção educativa, envolvendo a comunidade escolar e local;
- \* Mediar conflitos a nível escolar, social e familiar;
- \* Apoiar os alunos e as suas famílias na resolução de problemas;
- \* Estimular a capacidade de concentração dos alunos;
- \* Promover o espírito empreendedor dos alunos.

### **3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DO ESTÁGIO**

#### **3.1. Os JOVENS E A ADOLESCÊNCIA**

Uma vez que o Clube “Mais Sucesso Escolar” se dirige à população juvenil da ES, considera-se pertinente proceder a um enquadramento teórico que tenha em consideração os jovens e a adolescência.

Perfilha-se da ideia de que não podemos conceber a juventude de igual forma, uma vez que dentro da mesma categoria ou grupo social existem várias juventudes e todas muito diferentes. Confrontei-me com um público juvenil tão diversificado, em que as idades eram tão próximas, e no entanto, todos aqueles jovens eram tão diferentes, cada um com as suas especificidades e com problemas tão distintos. Neste sentido, enquanto profissional de educação, temos que estar atentos a todas as especificidades dos sujeitos para que o trabalho que desenvolvemos cumpra com os objectivos delineados.

Desta forma, encontrar uma definição para o conceito de juventude torna-se um trabalho muito complexo, uma vez que a juventude considerada categoria social é algo recente. O aparecimento do conceito de juventude esteve na origem da emergência da escola, passando agora “(...) a existir um tempo de transição entre a infância e a vida adulta, tempo esse destinado a preparar (na escola) o ser em formação para o exercício da sua condição de adulto” (Costa, 2001:38).

De forma geral, a juventude refere-se ao período posterior à adolescência (a saída da infância) e que precede a entrada na vida adulta (Campos, 1990). Neste sentido, a juventude não pode ser assimilada a idades concretas, mas sim representa um factor bio-psico-social que varia entre culturas. No presente Relatório refere-se a estudantes da Escola Secundária, ou seja, jovens entre os 12 e os 19 anos de idade.

Em oposição à adolescência, a juventude caracteriza-se pela crescente comparação com expectativas e exigências sociais que a sociedade vai manifestando. Ao serem determinadas pelo sistema de valores socialmente dominante desenvolvem um conjunto de tarefas de desenvolvimento que se esperam dos jovens (*id*).

No entanto, considera-se que existem diferenças entre o que é a adolescência e a juventude, pelo que não devemos tratar estes dois conceitos como sendo a mesma coisa.

A adolescência seria “um período marcado por uma profunda mudança da personalidade que a distingue da infância (...) [,] da idade adulta e mesmo da juventude propriamente dita” (Vaz, 2003:62), ou seja, seria um período muito ligado a uma lógica desenvolvimentista, onde

estão subjacentes um conjunto de mudanças biológicas pelas quais todas as crianças passariam, nomeadamente físicas, cognitivas, bem como uma definição face à orientação sexual. A adolescência seria uma fase muito marcada pela chegada da puberdade e pela construção, por parte do adolescente, de uma imagem de si e da sua identidade (Campos, 1990). A afirmação da identidade é sem dúvida uma característica deste período. Henrique Malheiro Vaz refere que existe um grande paradoxo a esse respeito, afirmando que os adolescentes “(...) aspiram a ser originais e entretanto, ao mesmo tempo, anseiam alcançar o maior grau possível de conformidade com milhares dos seus companheiros adolescentes. Este aparente paradoxo procuraria explicar uma afirmação identitária que se faz também com os companheiros, [mas] que se faz sobretudo com a finalidade (...) de ser diferente da geração mais velha” (Vaz, 2003:69). Neste sentido, há um consenso quanto ao início da adolescência, que seria uma transição da infância para o período da puberdade, mas não há uma precisão quando ao seu término.

A juventude, por sua vez, engloba a adolescência mas não se encerra nela, isto é, a juventude enquanto processo, é uma construção social que está sujeita às transformações históricas, sociais, políticas e culturais. Neste âmbito, a juventude estaria relacionada com a relação que o jovem estabelece com o seu meio social e com o seu estatuto, ou seja, com a entrada no mundo profissional, o afastamento de casa e independência dos pais, assim como o casamento.

O que importa realçar é que não se pode estabelecer uma forma universal numa faixa etária característica. “Será mais apropriado pensar na juventude como uma realidade socialmente construída, da qual se poderão fazer diferentes leituras, de acordo com as condições culturais, sociais, económicas e políticas” (Gomes, 2002:67).

Assim, no interior do universo juvenil encontram-se várias formas de afirmação, seja pelo modo de vestir, pelo tipo de linguagem, pela forma de se comportar, pelos gestos e pelas práticas de consumo (músicas, objectos de marca, telemóveis, entre outros). Estas são formas que os jovens encontram, cada vez mais internacionalizadas, para ser e estar em sociedade que os caracterizam e que contribuem para o desenvolvimento da sua identidade, reivindicando autonomia (especialmente da família) que se evidencia por marcar a diferença. Estes modos de afirmação e de emancipação por vezes não são muito bem vistos pelos adultos. Neste sentido, a juventude é encarada como sendo conflituosa e numa imagem forte de mudança, ao tornar-se visível, tornou-se também ruidosa (Silva, 2008).

### **3.2. EDUCAÇÃO**

Nos dias de hoje, falar em juventude é falar em Educação. Durante muitos anos, pertenceu à família a função de educar os seus filhos. Mas, com as transformações a que as sociedades estiveram sujeitas, a família passou a dividir essa difícil tarefa com a escola. Esta deve estar consciente da partilha de responsabilidades, de ideais e de valores que devem orientar os jovens num esforço conjunto para levar a cabo a tarefa de ensinar, educar e de formar.

Na educação, o aluno é e será sempre o importante. É essencial que a escola consiga ser assertiva na comunicação que se estabelece com o aluno. Neste sentido, para que se assuma o aluno como o centro da educação, é necessário conhecê-lo, compreendê-lo e apoiá-lo através de uma interacção equilibrada e construtiva.

No seu sentido de globalização e de amplificação, educação é concebida como a possibilidade de satisfazer as necessidades vitais, sociais, económicas e culturais que são proporcionadas pelo desenvolvimento pessoal e pelo desenvolvimento da comunidade em que o sujeito está inserido, ou seja, “como educação para o desenvolvimento individual/comunitário, [e] um processo de auto-construção participada promotor de trans(formações) pessoais, culturais, sociais, económicas e políticas” (Antunes, 2008:84).

Conceitos como a educação formal, não formal e informal adquiriram relevância e com diversas metodologias contribuem para a maior finalidade da Educação, ou seja, cooperam para o desenvolvimento global e integral do jovem.

#### 1) OS DIFERENTES TIPOS DE EDUCAÇÃO

Jaume Trilla (2004) fala-nos dos três diferentes sectores da educação que são apresentados da seguinte forma:

- ✓ Educação formal: compreende instituições e meios de formação e ensino com uma estrutura educativa graduada, hierarquizada e oficial. São as instituições que dão origem a títulos académicos e que constituem o organograma educacional de um país. Numa visão mais tradicional, o sistema educativo referia-se unicamente a este sector, dado que educação significava escolarização. “A educação formal resulta de uma acção educativa que requer tempo e aprendizagem, é regida por um sistema formal de administração competente e é levada a cabo na (...) escola” (Lopes, 2006:406).



- ✓ Educação não formal: os objectivos da educação não formal são muito heterogéneos, considerando-se uma educação não regulada por normas rígidas. Algumas das suas características são: convivência geradora de afectos, ênfase na partilha vivencial e no pluralismo, relações humanas horizontais, fornece certificados e diplomas de participação, promove relações intergeracionais, recurso a metodologias próprias e com a recusa da reprodução do sistema educativo institucional. “(...) Desempenhou e desempenha um papel importantíssimo na experiência quotidiana colhida na família e no trato social; no trabalho e no tempo livre; na participação em actividades mais ou menos estruturadas de convívio, de associação ou militância cívica, política, religiosa, sindical; nos meios de comunicação social (...)” (id:403).
- ✓ Educação informal: Jaume Trilla (2004) afirma que a inexistência de um plano pedagógico num processo comunicativo não invalida obrigatoriamente a potencialidade educativa do mesmo, uma vez que esta educação resulta das relações espontâneas da pessoa com o meio em que está inserida. “Vida familiar de grupo, trabalho ou jogos, ritos, cerimónias – tudo era, ao fim do dia, ocasião de se instruir. (...) Estas modalidades de aprendizagem não formais, não institucionalizadas prevaleceram até aos nossos dias (...)” (Lopes, 2006:407).

#### a. A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL EM CONTEXTO ESCOLAR

O CMSE afirma-se como um clube de educação não formal, sendo que esta dimensão “representa (...) um âmbito e uma ferramenta educativos indispensáveis à estratégia de inclusão social, de cidadania democrática e de participação plena que se quer promover junto das crianças e jovens” (Teles & Pinto, 2009:27).

A educação não formal define-se em articulação e complementaridade entre a educação formal e informal. De uma maneira geral, a educação não formal abrange todo um campo de actuação educativa não escolar (englobando instituições, actividades, meios e âmbitos da educação) que, no entanto, tenha sido criado expressamente para satisfazer determinados objectivos educativos, concretamente que tenha por intenção a educação facilitadora de aprendizagens de conhecimentos e competências identificáveis (Morand-Aymond, 1992).

A fundamental finalidade educativa das actividades propostas no CMSE visou levar os jovens a uma participação mais activa que os pudessem “conduzir”, mais facilmente, a aprendizagens significativas.

Estas actividades tanto podiam ocorrer na sala do Centro de Trabalho Autónomo, na Ludoteca, como noutros locais da escola (anfiteatros, cantinas, entre outras), bem como em visitas ao exterior de solidariedade, como por exemplo a “visita com as turmas do 8º ano ao CSPA”.

Nesta linha de pensamento, é essencial referir que o CMSE não se rege por planos de estudo, sendo que o que aí foi feito pode integrar o plano de actividades, como é o caso da “semana internacional das bibliotecas escolares”, “comemorações do Natal”, “área vocabular”, entre outras. Estas actividades não seguem uma lógica cronológica nem estão presas a horários. São flexíveis, susceptíveis de adaptação e alteração de acordo com as exigências e desafios que possam surgir.

As conversas informais, que também aconteceram no Clube, podem ajudar os jovens a tomar decisões, revelando-se essencial que os mesmos participem e estabeleçam interações significativas (Silva, 2004). Nesse sentido, valorizou-se a participação, cuja importância é de todos os envolvidos ao longo de todo o processo educativo não formal. A participação implicou o estabelecimento de uma relação mais pessoal com os jovens.

Procurou-se estabelecer ligações com as vivências, experiências e expectativas dos jovens, embora fosse estabelecida uma relação com a escola, contribuindo para a promoção do desempenho e sucesso académico. Nesta medida, as actividades desenvolvidas não se subordinaram à escola, mas visaram aprendizagens pessoais, sociais e culturais de uma forma mais ampla.

### **3.3. INSUCESSO ESCOLAR/SUCESSO ESCOLAR**

O termo insucesso escolar é um conceito extremamente complexo e bastante debatido. Em primeiro lugar, transmite a ideia de que “o aluno ‘fracassado’ não progrediu praticamente nada durante [os] seus anos escolares, nem no âmbito dos seus conhecimentos (...) [e do] seu desenvolvimento pessoal e social”, o que não corresponde de todo à realidade. Em segundo lugar, “oferece uma imagem negativa do aluno”, afectando a auto-estima e a confiança para melhorar no futuro. Em terceiro lugar, “centra no aluno o problema do fracasso e parece esquecer a responsabilidade de outros agentes e instituições, [assim como] as condições sociais, a família, o sistema educacional ou a própria escola” (Marchesi & Gil, 2004:17). Desta forma, é necessário analisar as causas e as relações com outros aspectos da vida escolar e do meio social onde os jovens estão inseridos.

O fenómeno insucesso escolar não é redutível à sua visualização imediata, devendo ser considerado como algo complexo que resulta de diversas disfuncionalidades presentes no sujeito, na escola, bem como na sociedade e ainda da forma como estas três vertentes se articulam.

O (in)sucesso escolar numa das vertentes referidas anteriormente tenderá a transferir-se para as outras, o que torna difícil compreender e equacionar as suas causas quando nos referimos apenas a uma delas. Neste sentido, o tipo de conhecimento que se tem sobre um determinado fenómeno irá influenciar, de forma clara, as políticas referentes à sua resolução.

As causas dominantes do insucesso escolar poderão ser de natureza económica e cultural (família e origem dos alunos), sociocultural e escolar, assim como escolar, referente ao sistema de ensino.

No que diz respeito ao percurso escolar dos 1200 alunos da Escola Secundária matriculados no ano lectivo 2009/2010, verifica-se uma taxa de sucesso de 62% no Ensino Básico e 68% no Ensino Secundário. A taxa de retenções é de 38% no Ensino Básico e de 32% no Ensino Secundário.

Os dados relativos à percentagem de reprovações acima apresentados são insuficientes para definir o insucesso escolar. Estes dados confirmam-nos que houve insucesso em relação à aquisição de conhecimento nesse ciclo de ensino, mas não nos permitem concluir que este insucesso se verificou nas outras dimensões educativas (criatividade, motivação, escrita, comunicação, interpretação, entre outras).

No entanto, muitas análises correntes revelam que na Escola é valorizada a instrução em detrimento de uma concepção mais ampla de educação onde a dimensão personalista (formação de uma personalidade equilibrada e estimulação potencialidades individuais) e a dimensão socializadora (criação de hábitos de cooperação, participação em decisões comuns e espírito crítico) são notoriamente subalternizadas. Desta forma, estas dimensões não são tomadas em consideração num juízo global sobre o sucesso escolar, mas elas são essenciais para caracterizar a eficácia do projecto educativo. Neste sentido, a minha intervenção no âmbito da estimulação destas dimensões foi extremamente importante para desenvolver o desempenho e o sucesso académico dos jovens estudantes.

### **3.4. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL**

Não faria sentido a análise do CMSE, se antes de mais não o reconhecêssemos como uma forma de animação, não só pelos seus objectivos, mas também pelas metodologias utilizadas. Objectivos estes que se enquadram com o desenvolvimento global do jovem, que recorrendo a metodologias activas e participativas, torna a realidade e a criatividade de cada um o traço de uma identidade e uma expressão própria e única.

#### 1) BREVE ENQUADRAMENTO DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL

A animação sociocultural consiste num “conjunto de práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu próprio desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integradas” (Lopes, 2006:95). Entende-se que a comunidade constrói, dialoga, participa e actua em todas as suas próprias transformações e mudanças, consciencializando-se das suas dificuldades, mas também da sua necessidade de crescer.

A partir de 1974, com o início das liberdades democráticas em Portugal, a animação sociocultural é assumida pelos diferentes governos. Generalizam-se e multiplicam-se as diversas iniciativas protagonizadas por diferentes grupos e movimentos, em diferentes áreas “a consciencialização participante e criadora das populações” (Garcia, Victor Hoz, 1977, *Questões fundamentais da educação*, cit. por *id.*:155).

Resumidamente, a animação sociocultural assume-se como um processo de acção, uma maneira de vermos as coisas, um conjunto de técnicas de intervenção, uma alternativa cultural, um conjunto de condições para a mudança e para a emancipação individual e colectiva, uma consciência actuante, envolvendo uma tomada de consciência participante, um conjunto de práticas, uma metodologia activa, um conjunto de medidas, um modo de fazer desenvolvimento comunitário, uma procura de partilha e uma estratégia política, social, cultural e educativa.

“Para haver animação sociocultural tem de haver uma acção educativa, social, económica, cultural [e] política que pautem toda a cidadania, no sentido de cada pessoa, cada grupo e cada colectividade se assumam como próprias protagonistas da sua história” (*id.*:148). A animação sociocultural assume-se numa perspectiva praxeológica, que abandona a passividade, a resignação e o conformismo para se envolver numa estratégia pessoal e comunitária de participação, autonomia e emancipação. As metodologias participativas e activas tornam o sujeito protagonista do seu próprio desenvolvimento.

## 2) ANIMAÇÃO NA JUVENTUDE

Para Marcelino de Sousa Lopes, a animação juvenil ganhou ênfase no nosso país, colmatando as funções educativas, tradicionalmente ligadas à escola, pela via da educação não formal. Esta animação, denominada também por animação socioeducativa, baseia-se em “processos de aprendizagem dinâmicos, resultantes da partilha e da interacção dos jovens entre si e destes com os seus [técnicos], [ou seja], eram actividades em que estava presente uma dimensão intergeracional” (*id.*:315).

O propósito da animação socioeducativa é desenvolver um conjunto de actividades lúdicas e pedagógicas, dirigidas à fase da juventude. Estas podem abarcar áreas tão diversas como a expressão plástica, dramática, corporal, entre outras. Desta forma, características como a criatividade, a componente lúdica, a actividade, o sentimento de liberdade, a participação, a comunicação, a imaginação, o clima de confiança, a satisfação e a interacção têm que estar presentes ao longo do processo. É o que encontramos em espaços de educação no tempo livre e o que se fez na dinamização das actividades.

Recorrendo a metodologias activas e participantes, estas actividades acabam por complementar os objectivos gerais da educação, enquanto forma de desenvolvimento global do jovem.

A animação juvenil deve assentar em determinadas referências, adequando-se à fase da vida que o sujeito esta a passar, ou seja, liberdade, promoção do associativismo, participação e voluntariado.

Estas referências revelam que, para o jovem, a animação não pode ser somente uma forma de ocupar o seu tempo livre, mas o jovem dentro da sua liberdade deve reconhecer nesse tempo livre e tempo de ócio um momento de valorização pessoal e social e de aprendizagem diversas. As relações com os outros e a sua participação activa e empenhada contribuem para a valorização da auto-estima e da motivação.

### **3.5. MOTIVAÇÃO**

“A motivação e a valorização das experiências pessoais são instrumentos relevantes do sucesso dos processos de capacitação” (Teles & Pinto, 2009:96), daí que seja importante reflectir sobre as potencialidades da formação experiencial, a fim de conferir visibilidade à

educação não formal, quando as situações e experiências são pensadas intencionalmente como situações educativas.

A formação experiencial assume uma importância central na vida dos jovens. Não só tem impacto a nível cognitivo, como na totalidade da pessoa a nível do saber, saber-fazer e saber-estar (Menger, 2005). Como “todo o conhecimento é autoconhecimento” (Santos, 2000:77), a formação experiencial exige a tomada de consciência, tanto de si como da sua relação com o contexto, com os outros e a atribuição de significados a essas experiências totais. Nem todas as experiências são da mesma maneira significativas, nem da mesma forma formativas, porém sempre que resultam na tomada de consciência são-no, uma vez que promovem “a descoberta progressiva por um sujeito (individual ou colectivo) da sua capacidade de pensar e de produzir a realidade a partir de cada experiência, capitalizando, de um modo singular, as potencialidades heurísticas das situações onde se inscreve a sua identidade” (Roelens, 1991:220).

Contrariamente à educação formal, que se orienta por objectivos previamente definidos, a formação a partir da experiência não é a finalidade para os jovens, mas sim a consequência da necessidade de agir face a um problema, responder a uma necessidade (Cavaco, 2002), sem que isto signifique que alguém se forma sozinho, mas tão-somente que o acto educativo se constrói como um acto relacional que visa a realização pessoal dos jovens estudantes. Realização pessoal esta que, no caso do CMSE, se articula com os tempos livres e de lazer que cada estudante dispõe. Daí que se possa compreender que muitas das actividades que aconteceram no Clube tendo como base a constante triangulação entre a formação experiencial, a dimensão do tempo e a ludicidade.

## 1) MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

As dificuldades na leitura constituem uma das maiores causas do insucesso escolar. Actualmente é frequente ouvir-se falar da necessidade e da importância dos alunos se envolverem em actividades de leitura.

A escola “é muitas vezes um lugar difícil de aprendizagem da leitura centrada sobretudo nos mecanismos de descodificação. (...) Cria provavelmente mais dificuldade que prazer a alguns alunos incapazes de se libertarem da decifração oral” (Baleiras; Almeida; Simões & Palma, 1995:14). Em contrapartida, procura respeitar, cada vez mais, o processo natural de aprendizagem da leitura de cada aluno. Neste sentido, tornou-se fundamental que o CMSE desenvolvesse actividades educativas que permitissem aos alunos assimilar as técnicas de

descodificação, bem como adquirir estratégias de leitura autónoma. A leitura torna-se assim um projecto significativo para o aluno, sempre adaptado às suas possibilidades e às necessidades de conhecer.

Investigações recentes afirmam que “o aluno motivado aprende mais cedo a ler e domina mais rapidamente o acto de ler”. Além disto, quando lhes é “permitido ler verdadeiramente livros, os cantos de leitura e as bibliotecas escolares tornam-se lugares propícios para cultivar o gosto de descobrir, de compreender o real e o imaginário” (*id.*:14).

Para estudar a motivação, vários autores consideram que se tem que ponderar a especificidade de cada domínio (Matemática, Inglês, leitura, entre outras) (Wigfield, Guthrie, Tonks & Perencevich, 2004:42). Desde muito cedo, é notório que os jovens começam a diferenciar as suas percepções de competência, o seu interesse e motivação intrínseca em diferentes áreas. Neste sentido e consoante os domínios, a motivação dos jovens pode variar na sua intensidade, ou seja, “[os jovens] podem estar mais fortemente motivados numa área específica [por exemplo na Matemática] do que noutra [por exemplo na leitura]” (*id.*:300).

Segundo os mesmos autores, existem certos domínios da motivação para a leitura que são específicos desta área, tais como os aspectos sociais ligados à partilha de livros e de leituras com outros jovens. Assim sendo, para se estudar a motivação para a leitura, é fundamental considerar a sua especificidade, bem como os contributos de diferentes quadros teóricos da motivação.

Desta forma, a motivação é multifacetada, uma vez que não se deve encarar os jovens como motivados ou desmotivados, mas sim como podendo estar motivados por diversas razões. Contudo, alguns aspectos da motivação poderão ser mais benéficos para a aprendizagem do que outros. Neste sentido, os jovens que estão intrinsecamente motivados, que tem concepções positivas e gostam de partilhar com os outros as suas actividades de leitura, tornar-se-ão leitores mais envolvidos, facilitando a promoção do rendimento académico e conseqüente sucesso escolar.

A partir da entrada na escola, os alunos deveriam ser cada vez mais motivados para frequentar as bibliotecas escolares e para ler livros. A personalidade de cada jovem é desenvolvida e enriquecida pela leitura. Os livros deveriam responder às necessidades de identificação dos alunos, a modelos e a valores que lhes oferecem a possibilidade de viver situações que os ensinam a conhecerem-se melhor, a enriquecer as suas visões e a confrontá-las com os outros.

Com as actividades “semana internacional das bibliotecas escolares”, “janeiro construtivo” e “dia mundial da árvore e da floresta” permitiram aos jovens trocar opiniões, aprender a criar e a desenvolver um texto mais ou menos longo, bem como organizar a informação para discutir, afirmar, invalidar, verificar os dados no próprio texto, adquirindo uma atitude activa de pesquisa.

O bom leitor é o aluno que, “decidido a ler globalmente e a pôr em prática as suas possibilidades de antecipação, adapta o comportamento, o ritmo e a compreensão aos seus próprios objectivos de leitura”. Selecciona “o que lhe interessa, o que o fascina, o que o informa ou o que o comove” (Baleiras; Almeida; Simões & Palma, 1995:16). Neste sentido, o aluno é, ao mesmo tempo, imaginativo, eficaz, pessoal, metódico, activo e consciente das suas responsabilidades e da sua relação de convivência com os outros que lêem.





## **4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO**

### METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Em primeira instância, considera-se fundamental iniciar este tópico com alguns esclarecimentos acerca da realização deste trabalho a nível metodológico que, no fundo, é aquilo que lhe confere grande parte da sua credibilidade.

Qualquer investigação social é sustentada por um ou mais métodos de trabalho, seleccionados de acordo com os objectivos de investigação. Segundo Luís Pardal e Eugénia Correia (1995:7) “não se trata (...) de arquitectar um somatório de técnicas, mas de conceber os traços fundamentais de um percurso de trabalho global, sustentado por referentes teóricos em que as técnicas têm lugar”. Neste sentido, o conjunto de métodos e técnicas a que se recorre em cada intervenção são seleccionados de acordo com um sistema de normas e princípios fundamentais para a verificação empírica que se pretende.

Desta forma, pretende-se realçar que esta investigação é de cariz qualitativa, uma vez que, ao invés de se basear em técnicas de recolha, apresentação e análise de dados posteriormente quantificadas e tratadas através de métodos estatísticos, pressupõe que o investigador seja o principal elemento de recolha da investigação e que o ambiente natural/real onde ocorrem as situações referentes ao estudo seja a fonte directa de recolha de dados, dando ênfase a todo o processo de investigação e não meramente aos resultados (Bogdan & Biklen, 1994). Na minha opinião, dado o tipo de fenómenos abordados pelas Ciências Sociais e Humanas e analisados à luz de uma mera racionalidade quantitativa, irão reflectir uma análise demasiado redutora e simplista, não permitindo aceder a toda a sua complexidade. Além disto, como o próprio Guy Berger (1992:24) menciona que a investigação em Educação “reenvia-nos em geral para qualquer coisa de que já temos uma experiência”, por isso a “investigação tende a ser sempre um trabalho de reelaboração [e] de reinterpretção de um conjunto de fenómenos que todos nós experienciamos”.

Neste âmbito, as metodologias de cariz qualitativa permite-nos um maior aprofundamento dos fenómenos e um maior acesso à sua riqueza.

É nesta fase que se verifica uma relação mais próxima com os investigados e daí ser de extrema importância informar estes últimos sobre o trabalho que se está a realizar e como se prevê a sua participação. A construção de uma relação de confiança e de colaboração entre todos é essencial no decorrer da intervenção.

## A INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

No presente Estágio foi privilegiada a metodologia de investigação-ação participativa. A escolha do método partiu do facto de se considerar o insucesso escolar um problema sociológico. Esta metodologia, tendo origem num problema social, constitui numa proposta de mudança que tem subjacente determinados valores, consistindo num processo colectivo de investigação e intervenção sobre a realidade, que visa a produção de conhecimento ligada à modificação de uma dada realidade social, com participação activa dos interessados que, neste caso específico, foram os jovens estudantes da Escola Secundária e suas famílias.

A investigação-ação é um processo que impede a queda na rotina e a transposição de soluções atribuídas noutros contextos. Desta forma, esta metodologia permite a produção de conhecimentos sobre a realidade encontrada, uma vez que tem em conta a unicidade de cada caso (visto que cada caso tem características próprias), contribui para as mudanças sociais e permite a transformação dos intervenientes.

Segundo Ander-Egg (1989), para analisarmos os elementos que constituem a investigação/ação/participativa, devemos começar por analisar os três termos que compõem esta denominação e estudar como se combinam entre si.

A investigação recorre à reflexão e, através desta e de um sistema controlado e crítico, estuda aspectos da realidade social (envolvendo todos os sujeitos actores), actuando sobre esta e transformando-a.

A acção permite que o público-alvo tenha um conhecimento da sua realidade social. Ao conhecerem a sua realidade, podem contribuir de uma forma mais eficaz para a alteração desta. As pessoas devem conhecer o porquê dos seus problemas e das suas necessidades, incentivando-as a serem actores da sua própria mudança, para poderem desta forma melhorar o seu rendimento académico.

Não deve ficar no esquecimento o meio que envolve o público-alvo (cultura, história, raízes, memórias passadas, etc.), dando-lhes a devida importância, mostrando-lhes que, para além de estarem a aprender, também são transmissores de conhecimento.

Por ser participação, o público-alvo contribui com as suas vivências/experiências de vida e o investigador com os seus conhecimentos teóricos e metodológicos. As experiências de vida (sabedoria popular) ajudam os investigadores a conhecerem melhor a realidade social do público-alvo, para compreenderem melhor os problemas estudados, não esquecendo os pontos

de vista em jogo. Assim, não podemos saber sem compreender, sem sentir a emoção das vivências dos outros.

Delimitar uma investigação é estabelecer passos, decisões, actividades e tarefas a serem realizadas, para levar a “bom porto” a investigação. A investigação-acção e o trabalho de desenvolvimento comunitário são demorados, pois consiste numa intervenção que visa a mudança. É um trabalho participativo que envolve todos os sujeitos actores interessados, baseando-se num compromisso social.

A aprendizagem social encontra-se bem definida, pois existe um processo de formação e desenvolvimento de competências para a reflexão e a acção. A investigação também é caracterizada pelo empenho na pesquisa (onde descobre e tenta compreender a realidade), pela acção (onde a intervenção é feita visando uma mudança positiva) e estabelece uma relação entre o conhecimento e a prática. O processo de investigação-acção tem como finalidade um maior enriquecimento de todos os sujeitos/actores envolvidos, ou seja, uma interligação equivalente entre a investigação, a acção e a formação.

Com este trabalho de desenvolvimento comunitário, pretendeu-se que os sujeitos/actores sociais se consciencializem dos seus próprios problemas e das suas necessidades e a melhor forma de os resolver. Pretende ser um trabalho participativo e colaborativo, com base na discussão da realidade, na procura de soluções e na avaliação dos seus efeitos.

Pretendeu-se ainda o desenvolvimento de competências de reflexão/acção, onde os sujeitos/actores sociais possam adquirir capacidades para analisar a realidade, definir os seus problemas e partir para a resolução destes.

O desenvolvimento da autonomia e da auto-suficiência é fundamental para que os sujeitos/actores adquiram capacidades para a resolução de problemas com que se vão deparar no seu dia-a-dia.

Neste sentido, tendo em conta as dimensões de análise já focadas ao longo do estudo, esta intervenção inclui, essencialmente, uma metodologia qualitativa, onde o maior propósito é interpretar os comportamentos e experiências, para assim poder actuar com a finalidade de contribuir para a promoção do desempenho académico.

#### TÉCNICAS PARA A RECOLHA DE INFORMAÇÃO

Na realização do projecto foram usadas várias técnicas, tendo em consideração o prosseguimento da finalidade e dos objectivos definidos, escolhidas criteriosamente segundo as

fases do projecto (sensibilização, implementação e avaliação) e as características dos alunos e famílias.

### 1) CONSULTA DE DOCUMENTOS

A consulta de documentos constitui-se como uma técnica necessária na investigação qualitativa. É uma técnica de recolha e de verificação de dados que complementa informações obtidas por outras técnicas e que permite o acesso a fontes de informação pertinentes. Deste modo, tornou-se como o primeiro passo para a obtenção da informação à qual recorri para melhor compreender as características do contexto que se iria intervir.

### 2) A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E AS NOTAS DE CAMPO

Este método de investigação qualitativo é de extrema relevância, não só por complementar informações obtidas através de outros métodos, mas também só por si conduz a uma série de novas conclusões.

Desta forma, é o único método que permite ao investigador captar as acções e comportamentos no momento, num contacto directo, sem a mediação de um testemunho ou de um documento, tratando-se, por esse motivo, de um método extremamente rico, quando bem utilizado. “O investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa. Ele é um actor social e o seu espírito pode aceder às perspectivas de outros seres humanos ao ‘viver’ as mesmas situações e os ‘mesmos’ problemas que eles (...). A observação é portanto uma técnica de investigação qualitativa adequada ao investigador que deseja compreender um meio social, que à partida lhe é estranho ou exterior e que lhe vai permitir integrar-se progressivamente nas actividades das pessoas que nele vivem” (Hébert, Goyette & Boutin, 1990:155). Ou seja, o observador vive as situações, sendo-lhe possível conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior.

De facto, torna-se essencial para este tipo de avaliação perceber o contexto e as vivências dos actores, através de um contacto directo com os mesmos. Este contacto através da observação participante em todos os espaços de intervenção referentes ao CMSE (CTA e Ludoteca), permitiu ter acesso a informações privilegiadas e criar com todos os actores uma relação de proximidade e confiança.

Neste sentido, e por se tratar de um método em que o investigador está presente no contexto, é imprescindível que o grupo aceite e compreenda a sua presença, bem como o

respeito pelo mesmo é fundamental. É também essencial que a sua presença e a sua atitude, de maior ou menor envolvimento ou participação, não perturbe a dinâmica do grupo.

Considerou-se que o mais importante deste método foi a cumplicidade e a relação de confiança que permitiu criar com todos os actores neste processo e que assim não me encaravam como uma invasora dos seus espaços. Desta forma, a observação participante foi um elemento facilitador de todo este processo, permitindo também ir introduzindo modificações no plano que tinha previamente construído, resultante dessa mesma observação e da constante escuta activa em relação aos participantes e profissionais envolvidos no Clube.

As vantagens deste método são precisamente a possibilidade de se captar no momento os comportamentos, acontecimentos e a veracidade dos mesmos, visto que não se recorre a pessoas ou a documentos escritos, ainda que este método seja complementado com outros. No entanto, a sua realização é mais complexa devido à distinção de funções entre o observador e o observado e à aceitação cultural do observador pelo observado.

As desvantagens prendem-se com a dificuldade em ser aceite pelo grupo e o problema do registo, dado que registar imediatamente às situações é crucial, mas por vezes, torna-se impossível para não transtornar o grupo.

Este método de investigação tornou-se de extrema importância pela quantidade de informações que foi possível aferir. São espaços de grande absorção pelo contacto directo com os momentos vividos dentro das dinâmicas e actividades implementadas, bem como pelo contacto informal que se estabelece entre a estagiária e os participantes.

Ao longo de todo o trabalho, foi minha preocupação fazer o registo informal de determinados pormenores e/ou comentários. Esses registos serviram para posteriormente realizar análises, enriquecendo as observações e, por vezes, demonstrar algumas incoerências entre o “dito e o observado”. Desta forma, também funcionaram muitas vezes como pontos de partida para outras questões e dúvidas, que ao longo do tempo se foram esclarecendo.

### 3) AS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Com o intuito de aceder a um determinado tipo de informação mais específica, as entrevistas foram uma das opções metodológicas. Tal como refere Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (1998), pelo facto da entrevista ser semi-estruturada permite que o entrevistado possa falar abertamente sobre os temas propostos e na ordem que mais lhe convier, sem

obedecer a uma estrutura completamente rígida, cabendo apenas ao investigador reencaminhar a entrevista para os objectivos pretendidos.

A escolha da entrevista semi-estruturada, enquanto procedimento metodológico, serviu para “contrariar determinados enviesamentos próprios da observação participante (...) [que] permite ao observador participante confrontar a sua percepção do ‘significado’ atribuído pelos sujeitos aos acontecimentos com aquela que os próprios sujeitos exprimem” (Hébert, Goyette & Boutin, 1990:160).

A realização das entrevistas permitiu recolher testemunhos e conferir significado a alguns dos acontecimentos observados, uma melhor contextualização dos mesmos e a uma recolha de informações referente à avaliação do projecto, revelando-se numa importante fonte de informação. Numa fase inicial da avaliação foi aplicada uma entrevista semi-estruturada à coordenadora do CMSE, no sentido de perceber quais as expectativas iniciais do Clube e de que forma se iria conduzir a dinamização do mesmo. No final do ano lectivo foi novamente aplicada uma entrevista semi-estruturada à coordenadora do Clube. Este momento final teve como objectivo perceber de que forma decorreram as actividades e qual o impacto das mesmas junto dos participantes (ver ANEXO 3).

A opção de entrevistar a coordenadora do Clube “Mais Sucesso Escolar” teve como intuito organizar as conversas informais que fui tendo ao longo de todo o processo de avaliação, visto que o contacto com a mesma foi sempre contínuo, não só devido à sua presença e implicação neste Clube, mas também era ela a supervisora local do estágio

Segundo alguns teóricos, as vantagens deste método passam pelo grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e pela flexibilidade e fraca directividade do dispositivo que permite recolher os testemunhos e as interpretações dos sujeitos, respeitando os seus próprios quadros de referência.

Este trabalho de intervenção sobre o Clube “Mais Sucesso Escolar” desenvolveu este método com o objectivo de conhecer as opiniões, pensamentos e sentimentos dos actores que foram fundamentais para o projecto. Só com esta panóplia de informação é possível perceber os resultados do CMSE. Assim sendo, a estagiária elaborou um referencial de perguntas-guia, suficientemente abertas, para que a entrevistada (coordenadora do CMSE) de forma livre, no desenrolar de uma conversa, fosse informando das suas percepções e interpretações do Clube.

#### 4) OS GRUPOS DE DISCUSSÃO FOCALIZADA

A realização de dois grupos de discussão focalizada no final de algumas actividades desenvolvidas foi outra opção metodológica que veio enriquecer este vasto dispositivo de avaliação do projecto. Os grupos de discussão focalizada são “entrevistas em grupo nas quais os participantes, entre seis a oito (...), discutem tópicos lançados pelo moderador, um profissional qualificado” (Amorim, 2006:116). Esta metodologia, exclusivamente destinada a recolher informação por parte dos participantes, funcionou como mais um complemento às informações recolhidas através da observação participante.

Pretendia-se que esta metodologia “possibilitasse um maior entendimento das experiências, crenças, significados e representações dos aprendentes, através da criação de linhas de comunicação multidireccionais sustentadoras de uma discussão activa” (*id.*:116).

Ainda como objectivo subjacente à realização destes grupos, queria perceber a importância e qual o impacto que as actividades desenvolvidas teriam na vida dos participantes, o balanço que cada um faz deste Clube e ainda as perspectivas de futuro no final do mesmo.

Cada um destes dois grupos de discussão focalizada contou com a participação de sete e onze participantes respectivamente e decorreu ao longo de cerca de 45 minutos.

#### 5) O INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

O inquérito por questionário é uma das técnicas mais emblemáticas da investigação qualitativa. Figura, também, entre as mais utilizadas (Foddy, 1996). Consiste numa interrogação sistemática de um conjunto de indivíduos, normalmente representativos de uma população global, com o objectivo de proceder a inferências e generalizações. Grosso modo, as questões podem incidir sobre factos ou sobre opiniões.

Na área das Ciências Sociais e Humanas, o “inquérito [por questionário] é uma pesquisa sistemática e a mais rigorosa possível de dados sociais significativos, (...) de modo a poder fornecer uma explicação” (Almeida & Pinto, 1976:32). O inquérito por questionário distingue-se da entrevista, no sentido em que exclui a relação de comunicação oral entre o inquiridor e o inquirido.

Esta técnica permite-nos aceder a um elevado número de informações sobre os indivíduos acerca do passado, da intimidade, de práticas actuais dificilmente abertas, por exemplo, à observação. Embora com alguns limites, possibilita o estudo sistemático das atitudes, das



opiniões, das preferências, das representações e do sentido subjectivo das acções. Pode-se ainda sondar o que está a acontecer numa sociedade e os efeitos decorrentes.

O inquérito sobressai como a técnica de investigação social mais vocacionada para estudos de grande escala. Aparentemente fácil e simples de aplicar, relativamente rápido, padronizado e rotinizado, pródiga dados comparáveis, generalizáveis e passíveis de análises quantitativas.

Os analistas de opinião pública têm vindo a aperceber-se que, em termos relativos, se costuma atribuir demasiada importância aos problemas de amostragem e pouca à construção das perguntas (...). As diferenças existentes ao nível da construção de perguntas produzem frequentemente maior variabilidade nos resultados obtidos do que a variabilidade associada à utilização de diferentes técnicas de amostragem (Ghiglione & Matalon, 1997:45).

A elaboração do questionário e a formulação das questões “constituem (...) uma fase crucial no desenvolvimento de um inquérito. Não se pode deixar certos aspectos no ar adiando a sua solução para depois das respostas. Qualquer erro, (...) inépcia, (...) ambiguidade, repercutir-se-ão no conjunto das operações ulteriores, incluindo as próprias conclusões finais” (*id*:50).

Nos questionários utilizados na investigação, as questões recaíram sobre perguntas de avaliação ou estimação, permitindo captar os diversos graus de intensidade face a um determinado assunto. A administração dos inquéritos foi feita por via directa, ou seja, o próprio inquirido preenche o questionário. No entanto, antes do seu preenchimento, o inquérito foi lido e, quando necessário, foram esclarecidas dúvidas.

A preparação do questionário representa a actividade mais exigente e delicada do inquérito. Comporta desafios e compromissos de árdua e problemática resolução. Requer não só uma maestria tecno-metodológica, mas também, e quiçá mais decisivos, um claro domínio do objecto da pesquisa e um conhecimento adequado da população a inquirir. Um bom questionário é, antes de tudo, o que se adapta, pertinentemente, tanto aos objectivos do inquérito, à problemática que o suscitou, bem como às características e particularidades da população a que vai ser aplicado.

Na redacção do questionário, a linguagem afirma-se como a componente mais sensível e mais decisiva. Consta-se que uma simples e logicamente inconsequente mudança de uma

palavra podem provocar uma alteração substantiva ao nível dos resultados. A composição de um questionário não é um exercício literário. É, antes de mais, um acto de comunicação. Deve, na medida do possível, aproximar-se das categorias linguísticas e mentais da população a inquirir, o que pressupõe um mínimo conhecimento prévio dos mundos linguísticos e culturais envolvidos. A linguagem deve ser, do ponto de vista do entrevistado, o mais corrente possível e a mais padronizada no caso de uma pluralidade linguística e cultural.

As questões querem-se claras e curtas, sem necessidade de complementos ou de esclarecimento adicionais. Devem ser reduzidas e adequadas à pesquisa em questão. Neste sentido, devem ser desenvolvidas tendo em conta três princípios básicos: o princípio da clareza (devem ser claras, concisas e unívocas); princípio da coerência (devem corresponder à intenção da própria pergunta) e o princípio da neutralidade (não devem induzir uma dada resposta, mas sim libertar o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor).

## 6) AS CONVERSAS INFORMAIS

O recurso a conversas informais prende-se com o facto de que

apesar das críticas que se referem à sua fragilidade metodológica ao ponto de não serem consideradas como ‘método’, as conversas informais podem até levar vantagem sobre outros métodos mais estruturados visto proporcionar um melhor conhecimento dos sujeitos investigados e uma maior familiarização com os aspectos socioculturais específicos do contexto estudado (Silva, 2004:67).

Ao longo de toda a investigação, as conversas informais foram uma técnica que sempre permitiu estabelecer os contactos necessários com os elementos atrás referidos, desde o primeiro conhecimento do CMSE, até à marcação de entrevistas e mesmo reflexões que se iam construindo. Esta metodologia permitiu à estagiária entender mais pormenorizadamente e pessoalmente o Clube em si, assim como conhecer a sua coordenadora. Ao mesmo tempo, foi possível à estagiária ir acompanhando o processo de crescimento do Clube. A informalidade presente, durante estas conversas, permitiu também que a mesma colocasse as suas dúvidas e questões, com o objectivo de obter tais esclarecimentos.

## TÉCNICAS PARA PROCESSAMENTO DE DADOS

### 1) INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Todo o material recolhido foi, finalmente, sujeito a um processo de análise que, em larga medida, pode ser definido em função da análise de conteúdo do mesmo. Análise esta que visa atribuir um “sentido às características do material que foram levantados, enumerados e organizados” (Vala, Jorge, 2006, *Psicologia social*, cit. por Veloso, 2008:84).

## **5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO**

Nesta secção são apresentadas as actividades que foram desenvolvidas durante o Estágio, tendo decorrido entre Outubro de 2010 a Junho de 2011, maioritariamente no CTA e na Ludoteca e, posteriormente, no GAAF. Dado que as actividades foram diversas e heterogéneas, foi necessário agrupá-las por subtemas (implementação, comemoração de dias temáticos, sessões de esclarecimento e sensibilização) para uma melhor percepção das mesmas.

As actividades foram avaliadas através de um inquérito de satisfação (ver ANEXO 4) e também utilizando a técnica grupos de discussão focalizada. Estas avaliações são apresentadas após a descrição de cada actividade. No final de todas as actividades é apresentada e comentada uma avaliação global.

### **\* IMPLEMENTAÇÃO:**

#### **1) CRIAÇÃO DO PROJECTO GABINETE DE APOIO AO ALUNO E À FAMÍLIA**

Esta actividade decorreu ao longo de todo o ano lectivo. O principal objectivo deste Gabinete remeteu para a prestação de apoio aos alunos e às suas famílias, disponibilizando acções que contribuíssem para o desenvolvimento global do jovem e do adolescente, sempre com um “olhar” direccionado para o rendimento e empenho académico dos estudantes. Estas acções consistiam na resolução de problemas a nível social, escolar e familiar e no combate à indisciplina dentro e fora da sala de aula. Para a dinamização destas acções estavam destacados alguns docentes e eu enquanto estagiária responsável.

Com este Gabinete pretendeu-se desenvolver um processo harmonioso e pleno da personalidade de todos os envolvidos, com o intuito de formar cidadãos livres, responsáveis, solidários e autónomos.

Foram delineados os seguintes objectivos:

#### Objectivos gerais:

- ✓ Discernir situações de ocorrência disciplinar no recinto escolar;
- ✓ Promover o sucesso educativo e formativo dos alunos;
- ✓ Desenvolver uma relação de interacção e comunicação entre os diferentes agentes educativos, particularmente o aluno, a família, a escola e a comunidade;
- ✓ Prevenir e evitar situações de risco;

- ✓ Ajudar na promoção do desenvolvimento global do jovem e do adolescente, contribuindo para um crescimento harmonioso.

Objectivos específicos:

<b>Professores</b>	<b>Escola</b>
Apoiar o aluno, de forma individualizada, no contexto da sua vida escolar e familiar;	Conhecer o fenómeno da indisciplina na escola;
Fomentar o desenvolvimento pessoal e social dos alunos;	Extrair conclusões que permitam actuar na prevenção e combate do fenómeno da indisciplina;
Mediar os conflitos entre os alunos, docentes e auxiliares de acção educativa;	Estimular e desenvolver o envolvimento da família no percurso escolar do aluno;
Prevenir as situações de risco.	Combater a falta de assiduidade dos alunos;
	Continuar a melhorar a imagem da escola junto da comunidade local.

Neste Gabinete, a estagiária é responsável pela coordenação da equipa e pela ligação e articulação com outras estruturas de orientação educativa, designadamente a Coordenadora de Directores de Turma, os Directores de Turma e a Direcção.

Desde o início do ano lectivo e até ao dia 16 de Junho foram encaminhados 198 alunos para o GAAF. Estes encaminhamentos foram feitos pelos Directores de Turma e docentes da Escola.

<b>SINALIZAÇÕES</b>	<b>1º Período</b>	<b>2º Período</b>	<b>3º Período</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Ensino Básico</b>	35	62	41	138
<b>Ensino Secundário</b>	9	41	10	60
<b>TOTAL</b>	44	103	51	198

Quadro n.º 3 – Sinalizações periódicas dos alunos por ciclos

A cada um destes alunos era atribuída uma tarefa, tendo em consideração as suas necessidades e, principalmente, o motivo pelo qual se procedeu ao seu encaminhamento. Para além disso, utilizou-se como estratégia a assinatura de um compromisso, por parte dos alunos, onde estes assumiam que futuramente melhorariam o seu comportamento. Nos casos onde não

se verificou esta melhoria, recorreu-se a medidas mais drásticas, como sendo: limpeza de tabuleiros na cantina, limpeza das salas, entre outras.

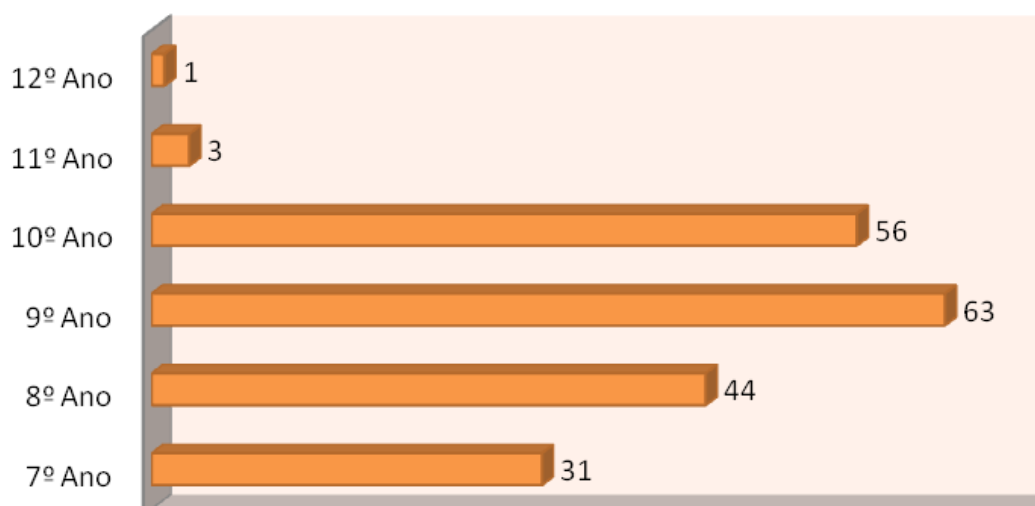
Através do quadro n.º 3, é possível verificar a distribuição do número de sinalizações que foram efectuadas para o GAAF no ano lectivo 2010/2011. O maior número de ocorrências ocorreu no Ensino Básico (138), seguido do Ensino Secundário (60). Neste sentido, num universo de 1200 alunos, o GAAF apenas sinalizou 16,5% como alvo de intervenção contra a indisciplina na sala de aula.

Na sua maioria, as problemáticas sinalizadas são de desrespeito para com o professor, perturbação sistemática da aula, comportamentos inadequados no espaço escolar, situações de risco, carências afectivas e sociais, dificuldades económicas, entre outras.

No que diz respeito à distinção por género, relativamente aos alunos sinalizados, verificou-se que a maioria das sinalizações (77%) era do sexo masculino, sendo 23% do sexo feminino.

No Gráfico 7, pode verificar-se que o ano lectivo que apresenta maior número de sinalizações é o 9º ano, sendo que no 12º ano somente um aluno foi sinalizado.

**Gráfico 7 – Número de Sinalizações**

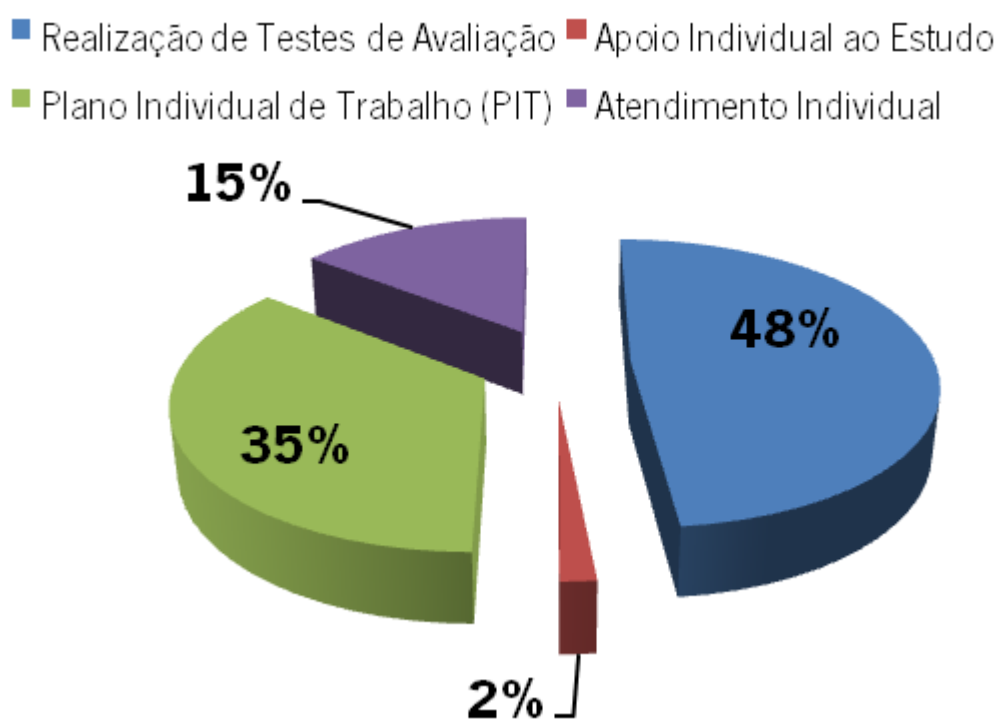


No geral, este gráfico ajuda-nos a compreender que, na maioria das vezes, o insucesso dos alunos resulta das dificuldades de concentração, do mau comportamento em sala de aula e da falta de hábitos de trabalho.

Para além dos 198 alunos encaminhados, referidos anteriormente, houve mais 62 alunos que se dirigiram ao Gabinete para atendimento individual, realização de testes de avaliação,

apoio individual ao estudo e Plano Individual de Trabalho (PIT). Estes alunos usufruíram dos serviços do GAAF, sendo que 48% dos alunos realizaram testes de avaliação, 35% completaram um Plano Individual de Trabalho, 15% estiveram em atendimento individual e 2% necessitaram de apoio individual ao estudo.

**Gráfico 8 – Outras Tarefas**



A “realização de testes de avaliação”, no Gabinete, verificava-se quando um aluno havia faltado na data do teste de uma disciplina. O “apoio individual ao estudo” tinha como objectivo ajudar os alunos nas disciplinas onde estes apresentavam mais dificuldade, aumentar a sua auto-estima e contribuir para uma melhoria do seu percurso escolar. O PIT consistiu na realização de um plano de tarefas elaborado pelo Director de Turma que os alunos tinham que cumprir no Gabinete. O “atendimento individual”, tinha como intuito o aconselhamento de cursos e apoio aos alunos em problemas pessoais, sociais e familiares.

Este Projecto tornou-se bastante exigente em termos pessoais e profissionais, pelas especificidades dos alunos e suas famílias, uma vez que as acções que eu preparava exigiam, de mim, um enorme espírito de criatividade e iniciativa a fim de manter resultados positivos, quer dos estudantes, quer das famílias.

Da análise da avaliação recolhida foi notório perceber o interesse e motivação, por parte dos alunos, em mudar os seus comportamentos dentro e fora da sala de aula. Os resultados traduzem, de uma forma positiva, uma evolução dos participantes. Pode-se aferir que as acções do projecto permitiu promover o desenvolvimento de comportamentos sociais mais ajustados, nomeadamente no que diz respeito à comunicação interpessoal, ainda que ache necessário que este projecto tenha continuidade para se efectivar e desenvolver, de forma mais integrada, as competências adquiridas. Julgo ter criado as bases para que estas competências se transformem em acções positivas para os jovens, melhorando a sua interacção com os seus pares, família e professores.

O Projecto foi importante para a promoção e sucesso académico dos alunos, na medida em que, em colaboração com os restantes professores, permitiu um apoio mais individualizado a alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem, no sentido de estes melhorarem o seu percurso escolar, bem como um apoio individualizado às famílias nos seus problemas pessoais e sociais.

## 2) PROJECTO “EDUCAÇÃO SEXUAL NA TUA ESCOLA – APRENDER A CRESCER”

Tendo em conta o risco que envolve a actividade sexual desprotegida e as consequências psicológicas e sociais de uma vivência desadequada da sexualidade, torna-se imperioso falar sobre educação sexual, de forma a reconhecer a sexualidade como uma componente positiva da personalidade e da realização pessoal e social enquanto fonte de comunicação e prazer.

Este Projecto foi elaborado com a Enfermeira MR do Centro de Saúde do CM e com os Professores MA, CM e TR. Teve como público-alvo os alunos do 9º ano (123 alunos) e as turmas do 10º ano do curso de Humanísticas e Economia (111 alunos). Decorreu em sala de aula com 3 sessões de 90 minutos. Foi planeado durante o 1º período e implementou-se no 2º e 3º período, para cada turma nas disciplinas de Formação Cívica e Área Projecto. Teve por grande objectivo, por um lado, contribuir para que os alunos vivenciassem de forma mais informada, autónoma, gratificante e responsável a sua sexualidade, garantindo a construção do seu projecto de vida e, por outro lado, contribuir para a diminuição dos comportamentos de risco e para o aumento dos factores de protecção em relação à sexualidade, possibilitando um desenvolvimento são.

Os temas abordados por sessão, ao nível da turma, apresentaram a seguinte estrutura:



### 1ª Sessão – Sexualidade e as suas expressões

- ✓ Sexualidade humana;
- ✓ Corpo em crescimento e adoptar linguagem sexual adequada;
- ✓ Diversidade e tolerância.

### 2ª Sessão – Relações interpessoais

- ✓ Promover a auto-estima e o que a pode influenciar;
- ✓ Desenvolver o espírito crítico;
- ✓ Promover o comportamento assertivo.

### 3ª Sessão – Saúde sexual e reprodutiva

- ✓ Compreensão da fisiologia humana;
- ✓ Contraceção/planeamento familiar;
- ✓ Infecções sexualmente transmissíveis – Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)/SIDA.

Em cada sessão, para exploração dos temas com os alunos, utilizaram-se dispositivos pedagógicos, tais como *brainstorming*, microfone mágico; histórias; dramatização; filmes e debates em grupo, que permitiu interiorizar conceitos, fomentar a reflexão, desenvolver o espírito crítico e assim consolidar conhecimentos, desenvolver atitudes e adquirir competências.

Referindo-me à avaliação, os participantes apreciaram bastante as dinâmicas de grupo desenvolvidas, em especial “o microfone mágico”. Pode-se compreender isto pelo desinvestimento das escolas no lúdico esquecendo o amplo espaço de aprendizagem e de desenvolvimento de competências pessoais e sociais que estas dinâmicas promovem.

Estas sessões conseguiram superar os objectivos propostos e promover algumas competências informativas, pessoais e sociais, assim como de tomada de decisão junto dos seus participantes ao estabelecer laços de amizade e companheirismo entre estes e na promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco. Assim, é possível prevenir inúmeros problemas de saúde, contribuindo para um melhor estado geral da sexualidade dos estudantes.

### 3) PROJECTO “CONSUMO CONSCIENTE, RESPEITA O AMBIENTE”

Para sensibilizar os alunos para a importância de redução do desperdício alimentar a empresa Eurest, que concessiona o refeitório escolar, implementou em colaboração com o Clube “Mais Sucesso Escolar” a campanha “Consumo Consciente, Respeita o Ambiente”. Esta campanha consistiu na oferta de um vale aos alunos que entregavam o tabuleiro sem comida, ou seja, não faziam desperdício de alimentos. Assim, pediu-se às funcionárias da empresa que se encontravam na linha de distribuição que tivessem o cuidado de servir apenas o que os alunos desejavam comer, incentivando sempre a prática de uma alimentação equilibrada, sendo que o tabuleiro devia ter a refeição completa: sopa, prato e sobremesa.

Os funcionários que recebiam os tabuleiros entregavam o vale somente no caso de os alunos entregarem o tabuleiro vazio. Estes vales eram colocados numa tómbola e no final do ano lectivo eram convertidos em bens alimentares a oferecer a famílias desfavorecidas da escola.

A campanha iniciou-se na primeira semana de Fevereiro, decorrendo na primeira semana de cada mês.

No total foram conseguidos 10 kg de bens alimentares que foram entregues a uma família carenciada.

Esta actividade permitiu, quer consciencializar os alunos e os funcionários do refeitório escolar para a importância da redução do desperdício alimentar, quer apoiar uma família desfavorecida da escola com a oferta dos bens alimentares que foram conseguidos. Possibilitou, também, facultar aos jovens uma nova capacidade de aprender/desenvolver competências que não tiveram possibilidade a adquirir eficaz e favoravelmente noutros contextos, podendo aperfeiçoar e fomentar condutas mais positivas.

#### \* **COMEMORAÇÃO DE DIAS TEMÁTICOS:**

#### 4) COMEMORAÇÃO DO DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO

Para celebrar o Dia Mundial da Alimentação realizou-se em Outubro de 2010 a actividade denominada “Construção da Roda dos Alimentos” com os alunos no Centro de Trabalho Autónomo.

Esta actividade tinha como basilares os seguintes objectivos: sensibilizar através do lúdico para práticas de vida saudáveis, descobrir os alimentos que devem fazer parte da alimentação

diária, consciencializar para uma alimentação saudável, assim como aprender a construir uma roda dos alimentos.

A actividade consistiu na construção de uma roda dos alimentos com os respectivos compartimentos delineados, onde os alunos tinham que atribuir um grupo de alimentos a cada compartimento e colocar os alimentos destacáveis no respectivo grupo.

Ao longo do decorrer da actividade foi notório perceber, por parte dos alunos, diferenças de atitude em relação à construção da roda dos alimentos. Alguns jovens demonstraram ser activos e empenhados, destacando-se em termos de resultados escolares e de atitude. Evidenciaram uma enorme garra e vontade de vencer e respondiam com maior rapidez aos desafios colocados. Mas, no entanto, outros mostraram ainda pouca maturidade, levando a que, por vezes, o comportamento na sala de aula não seja o mais adequado.

Penso que, de um modo geral, esta actividade correu bastante bem e teve resultados muito positivos. Esforcei-me por motivar os jovens e ajudá-los a ter outra perspectiva sobre a importância de uma alimentação saudável. As questões levantadas pelos alunos foram uma constante, pelo que foi fundamental, para eles, sentirem que estavam a ser acompanhados individualmente e à medida das suas necessidades, assim como percebessem o meu empenho e compromisso em auxiliá-los a cada dúvida que lhes surgisse.

A actividade teve grande adesão por parte dos alunos. Para além disso, proporcionou-lhes a oportunidade de explorar a temática, contribuindo para uma melhor percepção acerca das práticas de vida saudáveis.

#### 5) SEMANA INTERNACIONAL DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

Nos dias 25 a 29 de Outubro de 2010, os alunos foram sensibilizados para a participação na actividade intitulada “Concurso de Marcadores de Livros”, para comemorar o Dia Internacional das Bibliotecas Escolares (27 de Outubro). O objectivo deste concurso consistiu na elaboração de um marcador decorado pelos alunos, de forma livre e criativa, contendo o nome de um livro que gostassem de ter lido ou na criação de um nome à escolha.

Delineou-se para o sucesso desta actividade um conjunto de objectivos fundamentais: motivar os estudantes para a leitura, estimular a capacidade de concentração e aproximar a biblioteca aos alunos.

Uma conclusão possível de sublinhar reside no facto de que os estudantes gostaram de participar na actividade, sentiram uma enorme alegria e tranquilidade, descontraíram, relaxaram

e aprenderam muito. Referiram-me os estudantes que se sentiram úteis, apoiados e acarinhados. Também me transmitiram que gostaram de tudo, desde as aprendizagens, ao convívio, à possibilidade de imaginar, criar e expressar-se à vontade. Revelaram, por último, que a actividade deveria ter continuidade, já que tinham algum tempo livre que gostariam de preenchê-lo com este tipo de acções. Esta actividade permitiu, igualmente, aumentar nos alunos o gosto pela leitura, melhorar a sua concentração, contribuindo para um melhor desempenho escolar.

#### 6) COMEMORAÇÃO DO NATAL

Entre os dias 2 de Novembro a 17 de Dezembro, em comemoração do Natal, os alunos foram sensibilizados para a construção de uma árvore de Natal.

Para esta actividade foram estabelecidos os seguintes objectivos: sensibilizar através do lúdico para as mudanças no comportamento e na atitude dos estudantes, no sentido de promover um futuro sustentável; proteger o meio ambiente, construindo uma árvore de natal com materiais recicláveis; contribuir para a valorização pessoal, social e educacional, entre outros.

Numa sociedade que está, cada vez mais, preocupada com a “crise”, foi importante realçar que esta época não precisa de números, mas sim do espírito natalício e da disponibilidade das pessoas.

Neste sentido, a actividade foi realizada de modo a que a árvore de natal fosse construída com materiais recicláveis, apelando à imaginação e criatividade dos alunos. A acção demonstrou um carácter pedagógico e cultural, inculcando nos jovens o espírito e a tradição natalícios. A árvore de natal foi construída com estes materiais para apelar à protecção do meio ambiente, mantendo o padrão de uma árvore clássica.

Foi possível verificar que os estudantes gostaram de executar esta tarefa, expondo posteriormente, com orgulho, a referida árvore de natal e salientaram a importância que tiveram na decoração da mesma. Assim, a execução desta actividade implicou a divisão de tarefas, permitiu o trabalho em grupo e aumentar o espírito de entreatajuda, factores importantes que os alunos poderão e deverão utilizar no seu dia-a-dia.

### 7) ÁRVORE DOS DESEJOS

Esta actividade decorreu durante o mês de Março, no sentido de comemorar o Dia Mundial da Árvore e da Floresta.

O principal objectivo da actividade era levar os alunos e a comunidade educativa a imaginarem-se como sendo uma árvore, onde pudessem escrever um desejo, pendurando-o de seguida nos seus ramos, com o intuito que o mesmo se realizasse.

Assim, a Árvore dos Desejos apelou à criatividade, à imaginação, à originalidade, a conhecimentos sobre as árvores e aos trabalhos manuais. Era importante que os alunos tomassem consciência sobre a utilidade das árvores e sobre a preservação do meio ambiente.

De um modo geral, esta actividade teve um grande contributo na formação dos alunos, uma vez que permitiu: explorar, de modo interactivo, a importância da conservação das árvores no ambiente; trabalhar em conjunto e com harmonia para uma actividade de sensibilização e protecção das árvores; consciencializar a comunidade escolar acerca do papel das árvores no ambiente; fomentar atitudes de consciência ambiental e de cidadania e, por último, estimular a criatividade, imaginação e originalidade.

### 8) TEATRO INGLÊS NA ESCOLA

A actividade realizou-se entre Fevereiro e Março com o objectivo de comemorar o Dia Mundial do Teatro, actividade esta dirigida aos alunos do Ensino Básico e Secundário, inscritos na disciplina de Inglês. Para tal, foi necessária a presença da *Bristol School Theatre Company*, com duas actuações, a primeira no dia 17 de Fevereiro (com 171 alunos) e a segunda no dia 3 de Março (com 190 alunos) no Pavilhão Gimnodesportivo da escola.

Pode-se concluir que esta actividade, para além de permitir a interacção durante a peça entre os alunos e os actores, contribui para promover o ensino da língua inglesa através do teatro, melhorar a expressão oral e escrita dos estudantes de inglês e, finalmente, desenvolver competências ao nível das atitudes e valores, facilitadoras da aprendizagem e das relações interpessoais, relativamente à língua e à cultura.

#### 9) DIA MUNDIAL DA SAÚDE

No dia 7 de Abril de 2001 comemorou-se o Dia Mundial da Saúde através da realização de um rastreio de saúde. Esta actividade foi desenvolvida com a colaboração da enfermeira MR, do Clube de Saúde.

A actividade teve como objectivo promover estilos de vida saudáveis através da educação para a saúde. Cerca de 6 voluntários, profissionais de saúde e pessoas interessadas trabalharam lado a lado num pequeno espaço (CTA), entre as 9h00 e as 18h30, em que foram atendidas cerca de 60 pessoas, entre alunos, pais, auxiliares de acção educativa e professores. Foram realizados alguns testes de saúde, como por exemplo ao colesterol, tensão arterial, glicemia, percentagem de gordura, bem como aconselhamento para melhoria da saúde.

Desta forma pode-se considerar que o balanço desta actividade foi extremamente positivo, pois permitiu rastrear a comunidade educativa e envolvente à escola relativamente a diferentes parâmetros. Para além disso, as parcerias que se estabeleceram foram importantes para fortalecer os laços da escola com as entidades externas próximas a ela.

#### 10) DIA INTERNACIONAL DA DANÇA

Para celebrar o Dia Internacional da Dança realizou-se no dia 29 de Abril de 2011 das 10h às 14h a actividade chamada “Danças Livres e Criativas”, desenvolvendo com os alunos, no polivalente da escola, a prática de danças livres e criativas com o objectivo de trabalhar as várias partes do corpo, como por exemplo as mãos, os braços, os ombros, o pescoço, o queixo, a cara, o nariz, o estômago, as pernas e os pés.

Esta actividade foi realizada com a colaboração do Departamento de Educação Física e de um professor de *hip hop*, externo à escola.

Concebeu-se a actividade com base nos seguintes objectivos: contribuir para a aquisição de hábitos desportivos, reforçar a motivação pelas actividades físicas, melhorar a autonomia dos estudantes e a sua qualidade de vida, proporcionar momentos de descontração e lazer, entre outros.

A actividade foi preparada atendendo à análise de necessidades realizada e foi bem acolhida pelos participantes. Estes estavam sempre alegres e senti a sua enorme motivação em querer participar.

Na generalidade, a realização desta acção permitiu aos jovens melhorar as suas capacidades físicas, importantes para a execução de tarefas diárias, preservando a

independência e conseqüente melhoria da qualidade de vida. Permitiu, ainda, consciencializar os alunos que actividades deste género poderão levar à redução de problemas psicológicos, tais como a depressão e a ansiedade. Estes exercícios possibilitaram, igualmente, o trabalho das capacidades físicas, de concentração, atenção e memória (pela imitação das coreografias), factores importantes que poderão levar a um melhor desempenho escolar.

**\* SESSÕES DE ESCLARECIMENTO:**

11) SESSÃO “COMO POUPAR NA ALIMENTAÇÃO”

No dia 10 de Novembro de 2010, pelas 18h30, realizou-se a sessão “Como poupar na Alimentação”. Esta actividade teve a duração de 90 minutos e realizou-se no Auditório da ES. Uma alimentação saudável pode, simultaneamente, ser uma alimentação económica, sendo para isso necessário fazer boas opções alimentares, planear refeições e fazer boa gestão dos alimentos. Várias são as dicas para poupar na alimentação: fazer pão em casa, resistir às tentações no supermercado, aproveitar as sobras, etc.

Esta secção teve por objectivo: sensibilizar a comunidade escolar e envolvente para a prática de uma alimentação saudável e económica; sensibilizar através do lúdico para práticas de vida saudáveis; conhecer o valor nutricional de alguns alimentos; descobrir os alimentos que devem fazer parte da alimentação diária; reconhecer alimentos a consumir em maior e menor quantidades, bem como alimentos a evitar; promover a socialização e, por último, desenvolver a interacção do grupo, a sensibilidade, a partilha e a comunicação.

Os tópicos desenvolvidos foram:

- ✓ Evolução da alimentação humana;
- ✓ Alimentos a promover e a limitar para praticar uma alimentação saudável e económica;
- ✓ Os grupos de alimentos: como desfrutar ao máximo da sua qualidade;
- ✓ Como fazer pão em casa;
- ✓ Gestão de compras e de refeições;
- ✓ “Visita” virtual ao supermercado. Aprenda a proteger-se das tentações;
- ✓ Exploração do tema através de exemplos práticos.

Nesta actividade houve uma grande interacção com o público, não tendo assim um carácter expositivo mas de constante intervenção de quem assistia. Os exemplos práticos desmistificaram a ideia de que é dispendioso fazer uma alimentação saudável.

Foi possível concluir que esta actividade permitiu envolver alunas da área projecto e a associação de pais e que todos trabalhassem em conjunto para uma actividade de promoção da saúde na escola. Assim, o envolvimento de diferentes intervenientes foi importante para a sua execução. A sessão teve uma boa adesão e o seu carácter prático permitiu esclarecer dúvidas e incentivar a prática de uma alimentação saudável e económica.

## 12) SESSÃO “AUTO MAQUILHAGEM E CUIDADOS DE PELE”

No dia 25 de Novembro de 2010 realizou-se a sessão “Auto Maquilhagem e Cuidados de Pele” para toda a comunidade educativa (alunos, encarregados de educação, funcionários e professores) e local, e contou com 35 participantes. A actividade consistiu numa sessão de esclarecimento, com a duração de 120 minutos, realizada no CTA da Escola Secundária. Teve a colaboração da Associação de Pais e da Consultora de Beleza, IP.

A finalidade da sessão baseia-se em alertar os jovens para a prevenção dos cuidados a ter com a pele, uma vez que é na fase da adolescência que todo o corpo sofre alterações (hormonais, emocionais, entre outras), proporcionando assim uma auto-estima e confiança neles próprios. Por si só, estes cuidados não serão suficientes se não tivermos uma boa alimentação, um bom descanso, um bom estado emocional.

Na impossibilidade de satisfazer todos os participantes foram efectuados dois sorteios: um para exemplificar um bom tratamento de pele numa jovem e outro para elucidar as técnicas e truques para uma maquilhagem perfeita (adulto).

Esta sessão de esclarecimento permitiu desenvolver uma comunicação com os participantes, não tendo assim um carácter expositivo, mas de constante intervenção de quem assistia, desmistificar as ideias erradas e pré-concebidas de um bom cuidado de pele e de truques de maquilhagem com exemplos práticos, envolver diferentes intervenientes contribuindo para a sua efectividade, alertar os jovens para a prevenção dos cuidados a ter com a pele, tendo uma boa alimentação, um bom descanso, um bom estado emocional, entre outras e, por último, destacar a importância para os cuidados da imagem, realçando o desenvolvimento da auto-estima.

Nesta sessão de esclarecimento estabeleceu-se uma interacção positiva com o público-alvo e tentou-se envolvê-los, facilitando a sua participação. Assim, a intenção ao planear a actividade era promover a participação e o esclarecimento de dúvidas. Penso que o objectivo foi



cumprido, uma vez que a avaliação dos participantes foi positiva. Tentou-se dar a esta sessão uma vertente prática, uma participação activa de todos os envolvidos.

Em suma, a actividade decorreu de uma perspectiva interactiva, superando as minhas expectativas e a dos participantes.

**\* SENSIBILIZAÇÃO:**

13) CAMPANHA DAS TAMPINHAS AMIGAS

Esta actividade decorreu entre Outubro de 2010 a Junho de 2011. Os alunos foram sensibilizados para participarem numa campanha de recolha de tampas plásticas provenientes das embalagens usadas, tais como garrafas e garrafões de água, leite, sumos, iogurtes líquidos, garrafas de óleo, pacotes de manteiga, detergentes líquidos e de outros recipientes, com a finalidade de contribuir para a obtenção de uma cadeira de rodas. Apelou-se a toda a comunidade escolar para contribuírem, uma vez que uma tonelada de tampas corresponde a uma cadeira de rodas. Neste sentido, ao mesmo tempo que somos solidários estamos a ajudar o ambiente, uma vez que estas tampas de plástico eram para reciclar.

O ponto de recolha é o Centro de Trabalho Autónomo, onde os participantes tinham uma caixa de papelão, construída pelos alunos, para guardarem as tampas.

Os alunos participaram muito nesta actividade, demonstrando grande interesse na mesma. Nesta perspectiva, considera-se que a actividade produziu os efeitos desejados, uma vez que os alunos ficaram sensibilizados para uma prática de valores morais, educacionais, culturais, entre outros. Como a própria palavra indica, sensibilizar implica conduzir os jovens a sentir as coisas de um modo diferente, a intervir nas emoções ou sentimentos. Assim, os alunos afirmaram que enriqueceram pessoalmente ao participar nesta actividade. Para além disso, com a actividade, conseguiu-se promover algumas competências pessoais e sociais junto dos alunos ao estabelecer laços de amizade e companheirismo entre estes.

14) ÁREA VOCABULAR

A actividade “Área Vocabular” decorreu durante o mês de Dezembro. Foi realizada por duas equipas. Numa folha branca, os estudantes escreveram o máximo de palavras da área vocabular das palavras que a estagiária seleccionou. Tiveram um minuto para executar a tarefa.

Ganhava a equipa que tivesse mais palavras, sem qualquer erro ortográfico, caso contrário, essa palavra era desqualificada. Cada palavra valia um ponto.

A acção teve como objectivos rever/treinar o vocabulário das temáticas nas aulas sobre as diversas disciplinas e estimular a capacidade de concentração.

A totalidade dos alunos revelou um enriquecimento pessoal com a realização desta actividade, o que considero muito favorável.

Conclui-se, assim, que a actividade permitiu estimular nos alunos o raciocínio rápido e eficaz, desenvolver as aprendizagens e o conhecimento, em prol do raciocínio e interpretação das tarefas a executar pelos participantes e, por último, desenvolver as aprendizagens adquiridas sobre as diversas disciplinas e facilitar a participação activa, a auto-consciencialização e o relacionamento pessoal entre os participantes

De um modo geral, os alunos mostraram bastante interesse em participar e evidenciaram os seus conhecimentos relativamente às temáticas das palavras. O facto de ser uma competição entre equipas incentivou os jovens a participar. Aprende-se melhor brincando, sendo fundamental estabelecer o lúdico na aprendizagem.

#### 15) JANEIRO CONSTRUTIVO

Esta actividade decorreu ao longo do mês de Janeiro, sendo realizada duas a três vezes por semana. O principal objectivo era os estudantes escreverem um texto, onde estes se descrevessem, por exemplo, como o melhor amigo, namorado, filho ou aluno.

Ao longo do tempo, e através da leitura dos textos realizados, pude verificar uma evolução positiva nos trabalhos que foram sendo apresentados. Destaca-se agora uma maior capacidade de reflexão e de argumentação. Na sua maioria, os primeiros textos realizados comprovam que os alunos não estavam habituados a escrever, a reflectir e a argumentar. Em grande parte dos casos, à medida que o tempo foi passado e que foram elaborando mais textos, a qualidade dos mesmos aumentou expressivamente.

A avaliação, por um lado, passou por tentar descobrir a importância da actividade na evolução formativa dos alunos e, por outro, auxiliou-me a adaptar a minha postura, de forma a melhorar o meu desempenho futuramente.

Os alunos revelaram que actividade foi muito positiva, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de competências, auxiliando-os, favoravelmente, no seu percurso académico.

Para além disso, consideraram que a mesma “promoveu a criatividade e permitiu a elaboração de textos” e que os “ajudaram a crescer e sentiram-se acolhidos pela literatura”.

Neste sentido, através da informação recolhida nos grupos de discussão focalizada, considerou-se que esta actividade teve um contributo muito positivo para o desempenho e formação dos jovens, quer no auxílio do desenvolvimento da capacidade da escrita, quer no desenvolvimento das capacidades relativas à criação de texto.

#### 16) VISITA DE ESTUDO COM AS TURMAS DO 8º ANO AO CSPA

Uma outra actividade foi a realização de uma visita de estudo ao CSPA com as turmas do 8º ano, em Abril de 2011. Este Centro acolhe crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais. Assim, a intenção da visita a este Centro era no sentido de os alunos perceberem melhor o dia-a-dia destas crianças e jovens, conhecer as suas diferenças, estimulando o respeito e aceitação das mesmas.

A participação nesta visita foi extremamente importante, pois permitiu-me fortalecer os laços de relacionamento estabelecidos com os alunos, uma vez que anteriormente o convívio se centrou apenas nas vivências escolares.

Esta actividade permitiu, igualmente, que através de conversas informais com as crianças e jovens do Centro, os alunos tivessem uma visão mais alargada do mundo que os rodeia e da existência da diferença, que os levasse a valorizar, ainda mais, a sua própria vida. Para além disto, possibilitou, também, a melhoria de laços de confiança e de afectividade uns com os outros, sendo estes fundamentais num processo de formação e intervenção comunitária.

#### AVALIAÇÃO GLOBAL

O presente projecto foi objecto de uma avaliação final, com a intenção de se proceder a um balanço sobre o impacto e a percepção do mesmo, no que diz respeito às actividades extracurriculares na vida escolar dos alunos. Desta forma, as técnicas utilizadas para a realização da mesma foram a entrevista semi-estruturada à coordenadora do CMSE e grupos de discussão focalizada, dinamizados com os alunos. Primeiramente, será analisada a entrevista feita à coordenadora, contendo de seguida uma pequena reflexão sobre os resultados obtidos.

Na entrevista realizada, a coordenadora referiu que as actividades extracurriculares foram um importante contributo para o desenvolvimento e sucesso educativo dos alunos, em termos da utilização criativa e formativa dos seus tempos livres. De acordo com a coordenadora, as

actividades ajudaram os alunos a adquirir e a desenvolver competências, assim como facilitaram uma maior dinamização, integração e participação dos mesmos nas tarefas da escola.

Na opinião da coordenadora, o meu envolvimento na dinâmica escolar foi extremamente positivo, na medida em que visou estimular a aquisição de novos métodos de estudo e partilha de conhecimentos por parte dos alunos, influenciando positivamente o seu desempenho escolar. Assim, preparou-os para serem jovens mais activos e participativos, conhecedores de mais e melhor informação. A coordenadora terminou a pequena entrevista dizendo: “a técnica estagiária desenvolveu um óptimo trabalho, levando a cabo todas as dinâmicas previamente agendadas, indo ao encontro das expectativas dos estudantes”.

Na generalidade, as avaliações dos alunos, através dos grupos de discussão focalizada, são muito positivas e apontam que o projecto teve um impacto favorável na vida escolar dos mesmos. Ao longo dos meses de trabalho os alunos foram demonstrando um enorme interesse e satisfação na participação das mais diversas actividades. Os jovens mostraram tristeza pelo término do projecto, uma vez que tinham grande motivação para o continuar e sentiam-se realizados com as conquistas efectuadas, por exemplo: sentiram-se mais aptos para lidar com as mais diversas situações do dia-a-dia e conseguiram formar uma opinião crítica e construtiva acerca de diversos temas que lhes passavam despercebidos, tais como a alimentação.

Na opinião dos alunos, as actividades auxiliaram na aquisição de competências e na mudança de comportamentos em relação à indisciplina dentro e fora da sala de aula. Afirmaram, também, que o auxílio prestado pela estagiária, quer na concepção das actividades, quer no esclarecimento de dúvidas, foi bastante vantajoso para a sua formação. Para além disto, os alunos referiram que a estagiária os incentivou e estimulou, constantemente, no desenvolvimento e aquisição de competências, assim como no espírito crítico.

Este *feedback* positivo é muito importante, tendo em conta que o trabalho desenvolvido é o resultado de um projecto profissional e pessoal. Apesar de existirem sempre aspectos susceptíveis de ser melhorados, é gratificante perceber que, de um modo geral, os estudantes ficaram bastante satisfeitos com as actividades desenvolvidas, bem como com o auxílio prestado durante as mesmas.

Este foi um projecto que se baseou numa perspectiva de educação para a autonomia, uma vez que, dessa forma, os alunos poderão exercer um papel activo na sua aprendizagem. Para mim, foi extremamente gratificante sentir que o esforço demonstrado ao longo do ano tenha tido resultados positivos na vida escolar dos alunos.



## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este projecto serviu para promover a aquisição de competências pessoais e sociais, contribuindo para uma melhoria do desempenho escolar dos estudantes. Acredito, também, ter contribuído para a melhoria das condições de vida dos alunos e dos seus familiares.

Por todas as opiniões aferidas, pela avaliação recolhida, estou convicta que desenvolvi um trabalho de intervenção bastante útil, revelador de mudanças significativas aos mais variados níveis junto da comunidade escolar.

Apesar de todas as dificuldades, relativamente à necessidade de manter os alunos motivados nas e pelas actividades, pode-se considerar que valeu a pena. As etapas de trabalho foram muito gratificantes, sobretudo nas conversas informais mantidas com os alunos, antes e após as actividades.

Desta forma, considero ter cumprido a generalidade dos objectivos propostos, uma vez que houve aprendizagens e ponderação em torno da problemática, com as reflexões previamente adaptadas ao público-alvo.

Este Projecto revela que uma intervenção desta natureza pode ser trabalhada e motivadora para os alunos, desde que sejam previamente atendidas as suas especificidades. Contudo, não sou idealista ao pensar que modifiquei o mundo, mas de uma coisa tenho a certeza, de uma forma ou de outra, permiti a muitos jovens, através das actividades propostas, a exploração e a aquisição de competências para que estes, no futuro, melhorem o seu percurso escolar. Neste sentido, em todas as actividades estimei nos alunos a formação pessoal e social com recurso ao lúdico. O jogo permite desenvolver a espontaneidade, o respeito pelos outros, estimula a criatividade e a fantasia e, por último, facilita a auto-expressão, como se percebeu ao analisar a descrição das actividades.

O Clube contribuiu para mudanças relacionadas com a auto-estima (motivando os alunos para o estudo) e o bem-estar físico e mental, e sobretudo cooperou na promoção do desempenho e sucesso académico dos mesmos. Com estas transformações, o CMSE afirmou-se como uma plataforma de reorganização da situação pessoal e educacional de cada aluno, um espaço preparatório onde cada um define as suas prioridades e traça um caminho a percorrer.

O CMSE ganha sentido e pertinência, na medida em que possibilita a construção de relações significativas, promovendo uma articulação entre os jovens e outros contextos sociais. O Clube apresenta-se como um contexto onde os jovens se tornam visíveis e reconhecidos pelas

experiências que vão tendo, que consideram significativas e que favorecem uma construção e um sentido de si.

Para os jovens que não possuam um projecto de vida, e que apresentem uma grande fragilidade relativamente ao trajecto que devem seguir, dando continuidade à estagnação das suas vidas, o Clube, particularmente o GAAF, tem o papel de apoiar e orientar na procura de informação relevante para a melhoria da sua vida pessoal, social e escolar. Desta forma, só “quando o sujeito é aceite e reconhecido no âmbito de uma relação, ou de uma estrutura de relações, surge o sentimento de confiança que lhe possibilitará e encorajará a acções futuras” (Silva, 2008:448).

Dada a extrema importância do projecto que desenvolvi, pode-se considerar o seu impacto a três níveis: pessoal, institucional e do conhecimento na área de especialização.

A nível pessoal, este projecto permitiu-me a consolidação de todos os ensinamentos desenvolvidos no percurso académico. Adquiri grandes aprendizagens e desenvolvi outras tantas competências. Foi gratificante trabalhar com jovens e famílias. Rimo-nos, convivemos, brincamos e, sobretudo, houve intervenção: nós neles e eles em nós. Sem dúvida que houve alunos mais desafiantes que outros, que me fizeram sentir realizada, nesta ou naquela situação, pois apesar das diferenças entre cada um dos alunos, considero que aprendi com todos eles. Em síntese, senti-me feliz pelas recompensas simbólicas que recebi, quer através de sorrisos, palavras de carinho e amizade, quer de mensagens positivas.

Quanto ao impacto institucional, considera-se, pelas reacções dos alunos e da coordenadora, que o mesmo foi bastante positivo. Assim, a imagem da escola saiu reforçada, uma vez que as várias actividades realizadas foram desenvolvidas em prol dos alunos e da sua família, fortalecendo a perspectiva de uma escola que se preocupa com o bem-estar e a formação dos seus alunos, levando a uma maior participação dos mesmos na dinâmica escolar.

A nível do conhecimento na área de especialização, ao longo do Mestrado em Educação, fui percebendo o impacto positivo que o projecto pode ter junto dos alunos e das suas famílias. Este impacto foi bastante motivador e desafiante. Neste sentido, trata-se de um trabalho de desenvolvimento comunitário que, tal como refere Alves (1995:17), “é (...) um processo de formação”, procurando com que “os participantes adquiram um conjunto de aptidões para responder de forma positiva à satisfação e resolução dos problemas com que se debatem”. O trabalho com a comunidade, apesar de gratificante, torna-se muito desgastante sobretudo quando intervimos com famílias problemáticas. Por um lado, pelo nosso envolvimento no auxílio

a estas famílias, por outro, na medida em que, com a nossa aproximação, não conseguimos ver, em tempo real, alterações significativas.

Por várias vezes Antunes (2001:257) refere que “todos somos educandos e educadores e que, na nossa história de vida, os nossos pais foram, no foro simplesmente humano e no foro legal, os primeiros educadores”.

Assim, este Clube como componente extracurricular, concretiza, de acordo com Antunes (2001), um conjunto de actividades, de frequência livre, acessível a todos, sempre sob a tutela de um ou mais professores, permitindo desenvolver tarefas tão vastas, desde os trabalhos manuais ao desporto. O CMSE, muito mais que preencher os tempos livres dos alunos, procurou a construção do educando como um “conjunto de conhecimentos, crenças, desejos, emoções e aspirações que se vai combinando e recombinaando em função das experiências e relações que estabelece com os colegas, os professores, as matérias disciplinares e a própria escola” (Antunes, 2001:103). Desta forma, não se pretende desvalorizar os saberes teóricos mobilizados dentro da sala de aula, mas sim mobilizar e desenvolver competências diversificadas, questioná-las e problematizá-las (Antunes, 2001), contribuindo para uma melhoria do desempenho escolar dos alunos.

Para terminar, uma sugestão construtiva seria a integração da educação emocional e da educação para o optimismo nos currículos escolares, embora esta devesse ser um programa mais abrangente, ao nível da comunidade. Contudo, como refere Antunes (2001), o benefício dos alunos e, indirectamente dos pais e encarregados de educação, apenas traduziria o aumento do trabalho dos professores. A solução poderia passar pelo recrutamento de Técnicos de Educação. Não querendo impor a inserção de mais técnicos para auferir os poucos recursos em Educação, a verdade é que poderíamos servir o sistema educativo, inserido na educação escolar, com o desenvolvimento de actividades dissuasoras dos problemas e desafios colocados à escola.





## 7. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, J. F. & Pinto, M. J. (1976). *A investigação nas ciências sociais. Estudo elaborado no gabinete de investigações sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

Alves, A. C. C. (1995). *Projecto local de desenvolvimento Integrado de sobredo. Proposta de intervenção comunitária*. Braga: Departamento de Ciências da Educação da Criança – CEFOPÉ – Universidade do Minho.

Amorim, José Pedro (2006). *O impacto da educação e formação de adultos no desenvolvimento vocacional e da cidadania*. Lisboa: Cadernos de emprego e relações de trabalho.

Ander-Egg, Ezequiel (1989). *La animación y los animadores: pautas de acción y de formación*. Madrid: Narcea.

Antunes, Maria Conceição (2001). *Teoria e prática pedagógica*. Lisboa: Instituto Piaget.

Antunes, Maria Conceição (2008). *Educação, saúde e desenvolvimento*. Coimbra: Edições Almedina.

Baleiras, Alda; Almeida, Élia Pereira de; Simões, Manuela & Palma, Maria Georgina (1995). *Educação para todos: gostar de ler – os alunos e a escola. Um caminho para o sucesso escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Barbier, Jean-Marie (1993). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.

Berger, Guy (1992). “A investigação em educação: modelos socioepistemológicos e inserção institucional”, *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, III – IV, pp. 23-36.

Bogdan, Robert C. & Biklen, Sari Knopp (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Campos, Bártolo Paiva (1990). *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens*. Vol. I. Lisboa: Universidade aberta.

Cavaco, Cármen (2002). *Aprender fora da escola: percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.

- Chizotti, A. (1995). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.
- Costa, Alexandra Sá (2001). *Políticas de juventude: regulação e/ou emancipação*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação (mimeo).
- Dicionário da Língua Portuguesa (2002). *Colecção universal*. Lisboa: Texto Editora.
- Duarte, Ana & Gonçalves, Luís Jorge (1996). *Os clubes na escola: actividades extracurriculares*. Lisboa: Texto Editora.
- Foddy, William (1996). *Como perguntar: teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Porto Editora.
- Ghiglione, R. & Matalon, B. (1997). *O inquérito: teoria e prática*. Oeiras: Porto Editora.
- Gomes, Maria Lúcia Almeida (2002). *Crescer em comunidade: estratégias de educação não formal à descoberta de culturas juvenis*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Guerra, Miguel Ángel Santos (2002). *Os desafios da participação: desenvolver a democracia na escola*. Porto: Porto Editora.
- Hébert, Michelle; Goyette, Gabriel & Boutin, Gérald (1990). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lopes, Marcelino de Sousa (2006). *Animação sociocultural em Portugal*. Amarante: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Marchesi, Álvaro & Gil, Hernández Carlos (2004). *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed.
- Marsh, H. W. (1992). “Extracurricular activities: Beneficial extension of the traditional curriculum or subversion of academic goals?” *Journal of Educational Psychology*, 84, pp. 17.
- Menger, Pierre Michel (2005). *O retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa: Roma Editora.
- Morand-Aymond, Bernadette (1992). *Identification des compétences non techniques: une enquête neuchâteloise*. Genève: Université de Genève.

Pardal, Luís & Correia, Eugénia (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Randolph, W. A. & Posner, B. Z. (1992). *Planeamento e gestão de projectos*. Lisboa: Editorial Presença.

Roelens, Nicole (1991). “Le Métabolisme de l’Expérience en Réalité et en Identité”. In Bernadette Courtois e Gaston Pineau (org.). *La formation expérientielle des adultes*. Paris: La Documentation Française, pp. 219-241.

Santos, Boaventura Sousa (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.

Silva, Carla Sofia Marques (2004). *Figuras e configurações da estranheza na escola. Uma etnografia sobre as estratégias e os compromissos de jovens entre grandezas em conflito*. Porto: FPCE-UP, Dissertação de Mestrado (mimeo).

Silva, Carla Sofia Marques (2008). *Exuberâncias e (trans)figurações de si numa casa da juventude: etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Porto: FPCE-UP, Tese de Doutoramento em Ciências da Educação (mimeo).

Teles, Filipe & Pinto, Luís Castanheira (2009). *Ser capaz de adquirir competências: o programa escolhas a perspectiva das crianças e dos jovens*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Trilla, Jaume (2004). *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vaz, Henrique Malheiro (2003). *Os jovens: dos estatutos atribuídos aos estatutos construídos: uma abordagem histórica e contemporânea da problemática da juventude*. Porto: Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, trabalho de síntese (mimeo).

Wigfield, A.; Guthrie, J.; Tonks, S. & Perencevich, K. (2004). “Children’s motivation for reading: domain specificity and instructional influences”, *The Journal of Educational Research*, 97, pp. 299-309.

#### WEBGRAFIA

ES (2009). *Projecto educativo [2009-2013]*. [On-line] <http://www.secundario.maiadigital.pt/NR/exeres/488AE62A-CC9D-4650-8505-68D5FD436B38,frameless.htm>, consultado em 5/08/2010.

ES (2009). *Regulamento interno [2009-2012]*. [On-line] <http://www.secundario.maiadigital.pt/NR/exeres/488AE62A-CC9D-4650-8505-68D5FD436B38,frameless.htm>, consultado em 5/08/2010.

Ministério da Educação (2009). *Programa Mais Sucesso Escolar*. [On-line] <http://www.min-edu.pt/index.php?s=white&pid=227>, consultado em 4/03/2011.

Pereira, Paula Cristina Romão (2009). *Projecto de intervenção*. [On-line] <http://www.secundario.maiadigital.pt/NR/exeres/488AE62A-CC9D-4650-8505-68D5FD436B38,frameless.htm>, consultado em 5/08/2010.

Rede social do concelho da Maia (s/d). *Diagnóstico social do concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal da Maia. [On-line] [http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=122&Itemid=92](http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=122&Itemid=92), consultado em 18/03/2011.

Rede social do concelho da Maia (s/d). *Pré – Diagnóstico social do concelho da Maia*. Maia: Câmara Municipal da Maia. [On-line] [http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view&gid=122&Itemid=92](http://www.cm-maia.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=122&Itemid=92), consultado em 18/03/2011.

## **8. ANEXOS**

## ANEXO 1 – EXEMPLO DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DE NECESSIDADES

### INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito foi desenvolvido no âmbito do Estágio Curricular do Mestrado em Educação, ramo de Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. Tem como principal objectivo conhecer quais os teus interesses e actividades preferidas. Nota que o mesmo não é um teste e, portanto, não há respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante para mim.

Este inquérito é confidencial e privado, por isso não o identifiques. Responde com honestidade, pois só assim será possível recolher e tratar informações viáveis.

Não te esqueças que deves responder a todas as questões. Desde já agradecemos a tua colaboração e disponibilidade.

1. Idade: 12-14  15-17  18-20  Outra: \_\_\_\_\_

2. Sexo: Masculino  Feminino

3. Ano de escolaridade: 7º Ano  8º Ano  9º Ano  10º Ano  11º Ano   
12º Ano

4. Número de reprovações: 1  2  3  Outra: \_\_\_\_\_

5. As actividades lúdico-pedagógicas “levam a um aumento do interesse do aluno face à escola e aos valores da escola, o que conduz indirectamente a um melhor rendimento académico. (...) As actividades promovidas pela escola podem contribuir para um melhor envolvimento nesta, desenvolvendo atitudes mais favoráveis em relação às aprendizagens escolares” (Marsh, 1992:550)<sup>2</sup>.

Tendo em conta esta afirmação, achas que este tipo de actividades te ajuda a aprender melhor? (assinala com X a resposta que melhor se adequa à tua opinião/justificação)

Sim  Não

Porquê?

Porquê?

São divertidas  Penso que só se aprende nas aulas

---

<sup>2</sup> MARSH, H. W. (1992). “Extracurricular activities: Beneficial extension of the traditional curriculum or subversion of academic goals?” *Journal of Educational Psychology*, 84, 553-562.

Não sinto pressão para responder

acertadamente a alguma questão sobre os temas da actividade  Só os professores é que ensinam

Estou a fazer algo de que gosto e assim presto mais atenção  As brincadeiras não servem para aprender

Brincar é uma forma de aprender  Não aprendo nada com os meus colegas/amigos

Aprendo sem me aperceber disso, o que faz com que não haja expectativas altas ou baixas, nem sentimento de vitória ou frustração.  Uma coisa divertida não pode fazer aprender

Outra(s): \_\_\_\_\_  Outra(s): \_\_\_\_\_

6. Costumas participar nas actividades da escola?

Sim  Não

Quais?

Porquê?

Olimpiadas de Matemática  É uma seca

Corta Mato  É perda de tempo

Outra(s): \_\_\_\_\_  Outra(s): \_\_\_\_\_

7. Quais os temas que gostavas que fossem abordados nas actividades?

Língua  Artes plásticas  Pintura

Portuguesa

Ciências  Maquilhagem  Alimentação

Dança  Teatro  Cultura Geral

Cuidados de  Trabalhos  Outra(s):

Pele  Manuais  \_\_\_\_\_



8. Comentários / Sugestões:

---

---

---

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

A TÉCNICA ESTAGIÁRIA,

CATARINA OLIVEIRA

## ANEXO 2 - GRÁFICOS RESULTANTES DA ANÁLISE DO INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DAS NECESSIDADES

GRÁFICO A1 – IDADE DOS ALUNOS



GRÁFICO A2 – GÉNERO DOS ALUNOS

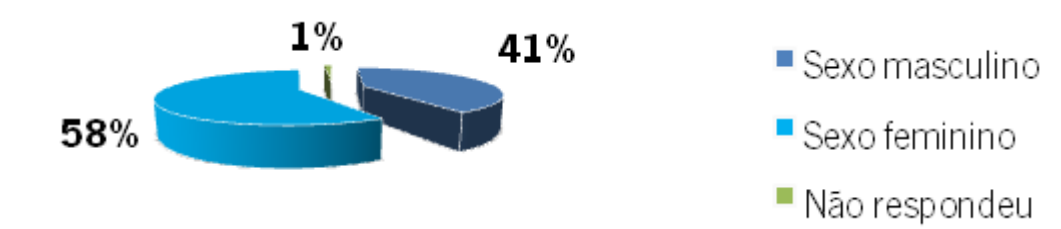


GRÁFICO A3 – ANO DE ESCOLARIDADE

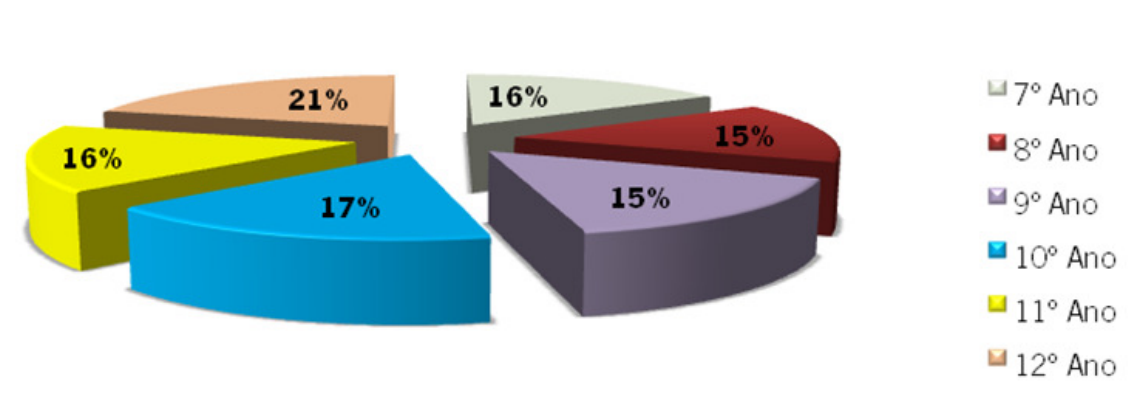


GRÁFICO A4 – NÚMERO DE REPROVAÇÕES

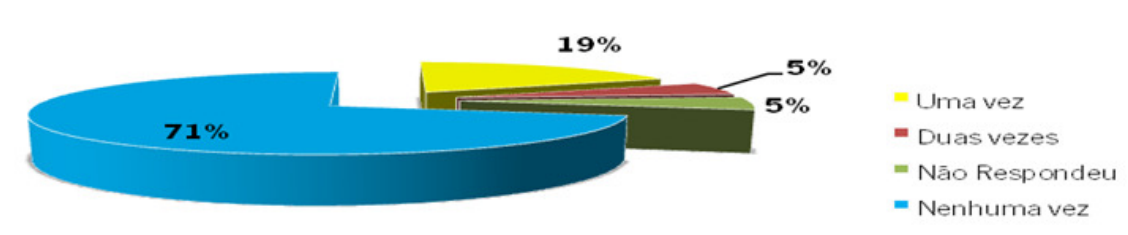
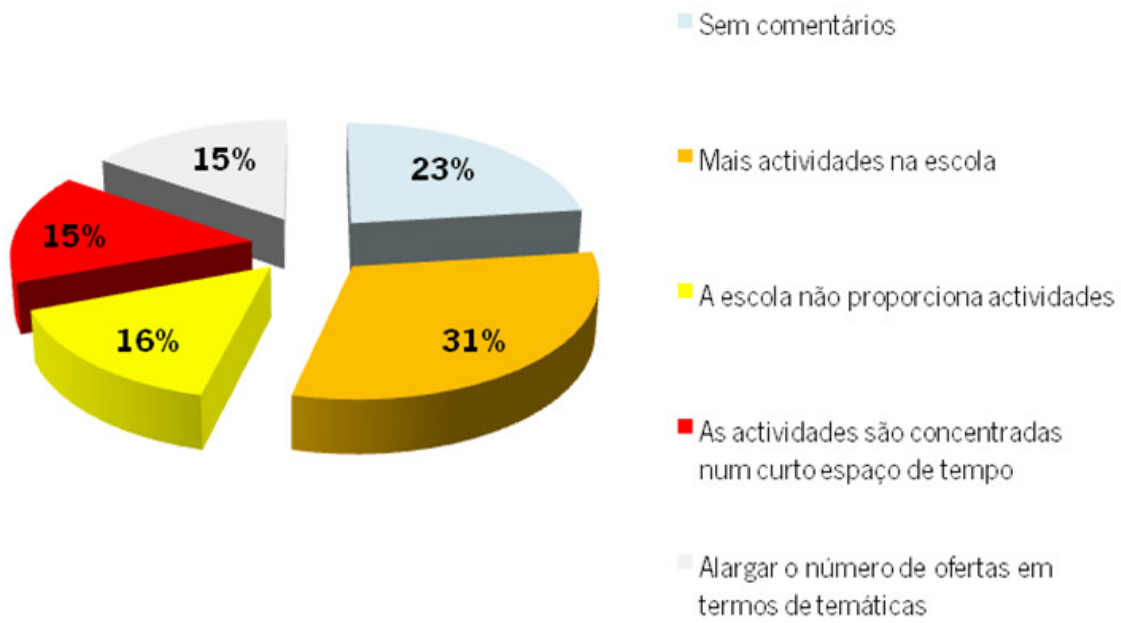


GRÁFICO A5 – ACHAS QUE AS ACTIVIDADES TE AJUDAM A APRENDER MELHOR?



GRÁFICO A6 – COMENTÁRIOS



### **ANEXO 3 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS**

#### ENTREVISTA I [INICIAL]

---

1. Quais as expectativas da coordenadora do Clube?

---

2. Quais os significados do Clube “Mais Sucesso Escolar”?

---

3. Qual o impacto do Clube “Mais Sucesso Escolar” na vida dos alunos?

---

4. Quais os aspectos mais positivos e negativos?

---

#### ENTREVISTA II [FINAL]

---

1. Como avalia o Clube “Mais Sucesso Escolar”?

---

2. Pensa que a técnica estagiária conseguiu transmitir tudo aquilo que tinha previamente pensado e estruturado para este Clube? Porquê?

---

3. Considerou que as actividades promovidas pela estagiária, no âmbito do Clube, podem ter causado alterações significativas na vida escolar de cada estudante? Porquê?

---

4. Considera importante para este tipo de público trabalhar questões relacionadas com o empenho escolar e a participação nas actividades?

---

5. As suas expectativas iniciais em relação ao trabalho da estagiária foram cumpridas?

---

6. Quais as dificuldades mais significativas que identificou no decorrer das actividades?

---

7. O que mudaria no Clube “Mais Sucesso Escolar”?

---

---

8. Numa palavra, como caracterizaria a dinamização do Clube?

---

---

9. Quais os aspectos mais positivos e negativos?

---

## ANEXO 4 – EXEMPLO DO INQUÉRITO DE AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE

ACTIVIDADE: \_\_\_\_\_

2010/2011

Na sequência da actividade desenvolvida no presente ano lectivo e como forma de avaliação interna da mesma, pedimos a vossa colaboração no preenchimento deste breve inquérito.

**A vossa opinião é crucial** para a continuidade das actividades no próximo ano lectivo.

### 1. QUESTÃO FECHADA

Coloca uma cruz (x) na resposta que consideras adequada.

	Má	Boa	Muito Boa
1.1 Pertinência da Actividade			
1.2 Interação com os alunos			
1.3 Efeito nos alunos			
1.4 Disponibilidade da equipa organizativa			

### 2. QUESTÃO ABERTA

Responde de forma muito breve às seguintes questões.

#### 2.1 ASPECTOS POSITIVOS

---

---

#### 2.2 ASPECTOS NEGATIVOS

---

---

#### 2.3 ASPECTOS A MELHORAR

---

---

#### 2.4 SUGESTÕES (ACTIVIDADES, TEMAS A ABORDAR, ETC.)

---

---

OBRIGADA PELA TUA COLABORAÇÃO!

A TÉCNICA ESTAGIÁRIA,

CATARINA OLIVEIRA